

NORA ROBERTS

AS LÁGRIMAS DA LUA



*Para Bruce,
o meu homem de todos os ofícios.*

*Dá-me um beijo, amor, sente saudade, amor,
e enxuga as tuas lágrimas amargas.*

— CANÇÃO IRLANDESA DE PUB

Prezado Leitor,

Aqueles que sonham acordados trazem beleza ao mundo. A arte e a música, as histórias e o coração. A Irlanda sente um grande carinho pelos seus sonhadores. Apesar disso, ao mesmo tempo que preza os seus poetas e artistas, a Irlanda também pode ser bastante prática. Por um lado, os irlandeses conservam a sua magia; por outro, trabalham arduamente.

Em Lágrimas da Lua, juntei as mãos do sonhador Shawn Gallagher e da objectiva e pragmática Brenna O'Toole. Carrick, o príncipe das fadas, terá muito trabalho com estes dois, se os quiser unir e dar o passo seguinte para romper o encanto que o separa do seu próprio amor e do seu destino.

Ele tem um presente para os dois, que, no entanto, o devem aceitar — e um ao outro — com os corações desprendidos. Orgulho e ambição devem ser superados por amor e generosidade. Duas pessoas que se conheceram durante toda a vida terão agora de se contemplar com olhos diferentes.

Muito acima da fascinante aldeia de Ardmore, num penhasco varrido pelo vento, perto da fonte de um antigo santo irlandês, há magia e música no ar. Sente-se no banco que há ali perto e escute.

Nora Roberts



CAPÍTULO UM

A Irlanda é uma terra de poetas e de lendas, de sonhadores e rebeldes. E a música envolve todos, por completo. São melodias para dançar ou chorar, para a batalha ou para o amor. Em tempos antigos, os harpistas viajavam de um lugar para o outro, tocando as suas melodias por uma refeição e uma cama, por alguma generosa moeda que as pudesse acompanhar.

Os harpistas e os *seanachais* — os contadores de histórias — eram bem recebidos por toda a parte, num chalé, numa estalagem ou à beira de uma fogueira de acampamento. O dom que espalhavam pela Irlanda era sempre apreciado, mesmo nos palácios do mundo das fadas, sob as verdes colinas.

E continua a ser apreciado.

Certa ocasião, não assim há tanto tempo, uma contadora de histórias chegou a uma aldeia tranquila, à beira mar, e teve uma recepção afectuosa. Ali, ela encontrou o seu coração e o seu lar.

Um harpista vivia na aldeia. Ali tinha o seu lar e era onde se sentia feliz. Mas ainda precisava de encontrar o seu coração.

Havia música a soar na sua cabeça. Às vezes surgia de uma forma suave e sonhadora, como os sussurros de uma pessoa apaixonada. Noutras ocasiões, a florava como um grito ou como uma gargalhada. Uma velha amiga, a convidá-lo para tomar uma cerveja no *pub*. Podia ser doce, veemente ou transbordar de lágrimas de desespero. E ele sentia sempre imenso prazer em ouvi-la.

Shawn Gallagher era um homem satisfeito com a vida. Naturalmente havia quem dissesse que ele se sentia feliz porque era raro ele sair dos seus sonhos para verificar o que acontecia no mundo. E Shawn não se importava com essas pessoas.

O seu mundo era a música e a família, o lar e os amigos é que contavam. Por que razão se deveria incomodar com qualquer outra coisa?

A família vivia há gerações na aldeia de Ardmore, no condado de Waterford, na Irlanda. Os Gallagher eram donos do *pub* local, oferecendo canecas de cerveja, uma boa refeição e um lugar para conversar há tanto tempo quanto a maioria das pessoas se podia lembrar.

Desde que os pais se haviam mudado para Boston, algum tempo antes, cabia a Aidan, o irmão mais velho de Shawn, dirigir o *pub*. O que era ótimo para Shawn Gallagher, já que ele não hesitava em admitir que não tinha queda para os negócios nem queria ter. Sentia-se feliz em ser o homem da cozinha, pois cozinhar relaxava-o.

A música era parte dele, no *pub* ou na sua cabeça, enquanto atendia os pedidos ou preparava a ementa do dia.

Claro que havia ocasiões em que a sua irmã, Darcy — que tinha uma quota adicional de energia e ambição da família —, entrava na cozinha, enquanto ele preparava um guisado ou fazia uma sanduíche, e provocava uma discussão.

Mas isso servia para dar mais animação.

Shawn não se incomodava em dar uma ajuda para servir os clientes, especialmente se alguém estivesse a tocar música ou houvesse pessoas a dançar. E ajudava na limpeza sem se queixar, depois de fecharem, pois os Gallagher mantinham um *pub* impecável.

A vida em Ardmore convinha-lhe — o ritmo lento, as ondas a chocarem contra os penhascos, as colinas verdes ondulantes, que se estendiam até às montanhas escuras. A ânsia de conhecer outras terras, pela qual os Gallagher eram famosos, não se manifestava nele. Shawn tinha raízes profundas no solo arenoso de Ardmore.

Não tinha o menor desejo de viajar, como fizera o irmão, Aidan, ou como Darcy planeava fazer. Podia encontrar ali mesmo tudo aquilo de que precisava. Não via sentido em mudar de paisagem.

Embora, de certa forma, isso tivesse acontecido.

Durante toda a sua vida, Shawn olhara pela janela do seu quarto para ver o mar, que estava sempre ali, a desmanchar-se em espuma na areia, pontilhado de barcos, sereno ou furioso, com todos os ânimos intermediários. O cheiro da maresia era a primeira coisa que ele inspirava pela manhã, ao abrir a janela, inclinando-se para fora.

Quando o irmão casara com Jude Frances Murray, uma linda ianque, no Outono passado, pareceu-lhe apropriado promover alguns ajustes.

De acordo com o costume dos Gallagher, o primeiro a casar-se ficava com a casa da família. Por isso, Jude e Aidan instalaram-se na casa enorme, na zona limítrofe da aldeia, quando voltaram da lua-de-mel em Veneza.

Quando lhe ofereceram a opção entre o apartamento por cima do *pub* e o pequeno chalé que pertencia ao lado Fitzgerald da família de Jude, Darcy escolheu o apartamento. Pressionara Shawn, e quem mais se deixara envolver pelos seus encantos, a pintar e remodelar, até que os aposentos, antes espartanos, de Aidan, se transformassem no seu pequeno palácio.

Shawn não se incomodara.

Preferia mesmo o chalé na colina das fadas, com a vista dos penhascos, o lindo jardim e o bendito sossego.

Também não se importava com o fantasma que vagueava pelo chalé.

Ainda não o vira, mas sabia da sua presença. Era *Lady Gwen*, que se lamentava por ter rejeitado o seu amor, o príncipe das fadas. Esperava agora que o encanto chegasse ao fim, para libertar os dois. Shawn conhecia a história da jovem donzela que ali vivera trezentos anos antes. Naquele mesmo chalé, naquela mesma colina.

Carrick, o príncipe das fadas, apaixonara-se por ela. Mas, em vez de dizer as palavras certas, em vez de oferecer o seu coração, mostrara a grandiosidade da vida que proporcionaria à sua amada. Por três vezes levava a *Lady Gwen*, num saco de prata, as pedras mais preciosas do mundo. Primeiro, foram diamantes moldados no fogo do sol, depois as pérolas feitas com as lágrimas da lua e, finalmente, as safiras arrancadas do coração do mar.

Mas, duvidando do coração de Carrick e do seu próprio destino, ela recusara-o. E as pedras preciosas que ele despejara aos pés de Gwen, segundo a lenda, haviam-se transformado nas flores que ostentavam o jardim no chalé.

A maior parte das flores dormia agora, pensou Shawn, sob o vento frio do Inverno que soprava ao longo da costa. Os penhascos, onde se dizia que *Lady Gwen* passeava, em lágrimas, estavam áridos e inóspitos, sob o céu ameaçador.

Uma tempestade concentrava-se ali, prestes a desabar.

Era uma manhã gelada, com o vento a sacudir as janelas e a infiltrar-se por todas as frestas para esfriar o chalé. Como ti-

nha a lareira acesa na cozinha e um chá bem quente nas mãos, Shawn não se importava com o vento. Até apreciava a sua música arrogante, enquanto, sentado à mesa da cozinha, comia biscoitos e pensava na letra de uma melodia que acabara de compor.

Só precisava de ir para o *pub* dali a uma hora. Mas, para ter a certeza de que chegaria dentro do horário, ligara o alarme do relógio do forno. Como reforço, deixara o despertador também programado no quarto. Sem ninguém ali para o arrancar dos seus sonhos e dizer que tinha de sair, ele tendia a esquecer-se das horas por completo.

Já que Aidan ficava irritado quando ele se atrasava e Darcy aproveitava o pretexto para o criticar, Shawn fazia o seu melhor para ser pontual. O problema era que ignorava o alarme e não ouvia a campainha do despertador quando ficava absorvido demais na música.

Era o que acontecia agora, toda a sua atenção concentrada numa canção de amor, um amor jovem e confiante. O tipo de amor, pensou Shawn, caprichoso como o vento, mas divertido enquanto durava. Uma melodia para dançar, decidiu ele, que exigiria pés ágeis e rápidos, um *flirt* incessante.

Poderia apresentá-la no *pub*, depois de limar um pouco mais as arestas. Talvez conseguisse persuadir Darcy a cantá-la. A voz da irmã era a mais apropriada para a canção.

Demasiado aconchegado na cozinha para se dar ao trabalho de ir até à sala, onde instalara o velho piano que comprara ao mudar-se para o chalé, Shawn marcava o ritmo com o pé, enquanto trabalhava na letra.

Não ouviu as batidas na porta da frente, o barulho dos passos no corredor nem o resmoneio irritado.

Era típico, pensou Brenna. De novo perdido num mundo qualquer de sonhos, enquanto a vida continuava em seu redor. Ela nem sabia porque se dera ao trabalho de bater à porta. Afinal, Shawn quase nunca ouvia; além disso, estavam os dois acostumados a entrar, sem bater, na casa um do outro, desde a infância.

Só que já não eram crianças. Por isso, ela preferia bater antes de entrar, para não se deparar com alguma coisa que não gostasse de ver.

Tanto quanto ela sabia, Shawn poderia ter uma mulher no chalé. Ele atraía-as, como água com açúcar atrai abelhas. Não que ele fosse doce, necessariamente. Mas bem que poderia ser.

Como era bonito! O pensamento aflorou espontaneamente na sua mente, e Brenna detestou-se por isso. Mas, no final de contas, era difícil não notar isso.

Aquele lindo cabelo preto que parecia algo desleixado, já que Shawn nunca se lembrava quando era tempo de o cortar. Olhos tranquilos, de um azul sonhador... a não ser quando alguma coisa o excitava, pois nessas ocasiões eram capazes de se inflamar, frios ou quentes, de igual forma. Shawn tinha pestanas pretas e longas, pelas quais as quatro irmãs de Brenna venderiam a própria alma. A boca era cheia e firme; na opinião de Brenna, feita para beijos longos e palavras suaves.

Embora ela não tivesse qualquer experiência pessoal, ouvira comentários.

O nariz era comprido e um pouco torto, resultado de uma *line drive*, a bola arremessada no basebol que sai baixa, rápida e directa. Fora ela quem a lançara, quando jogavam juntos, há mais de dez anos.

Tendo tudo em conta, Shawn tinha o rosto de um príncipe do mundo das fadas. Ou de um galante cavaleiro andante

numa busca interminável. Ou de um anjo um pouco desleixado. Acrescentando-se a isso o corpo comprimido e esguio, as mãos maravilhosas, de palmas largas, dedos de artista, a voz como uísque aquecido por fogo de turfa, a embalagem admirável estava completa.

Não que ela tivesse algum interesse pessoal. Apenas apreciava as coisas que eram bem feitas.

E era uma mentirosa incorrigível. Até a si mesma mentia.

Sentia atracção por Shawn antes mesmo de acertar com a bola no seu nariz... e tinha catorze anos contra os dezanove dele na ocasião. Uma atracção assim tendia a tornar-se algo mais quente, mais intenso, quando a rapariga se tornava uma mulher de vinte e quatro anos.

Só que Shawn nunca a contemplara como mulher.

Ainda bem, Brenna pensou, enquanto mudava de posição. Não tinha tempo para perder com homens como Shawn Gallagher. Algumas pessoas precisavam de trabalhar.

Com um sorriso irónico, ela baixou devagar a caixa com as ferramentas, para depois a deixar cair, com o maior estardalhaço. O facto de ele ter saltado como um coelho ao ouvir um disparo deixou-a satisfeita.

— Santo Deus! — Shawn virou-se na cadeira, num movimento brusco. Apertou o peito, como se estivesse a fazer com que o coração batesse de novo. — O que aconteceu?

— Nada. — Brenna manteve o sorriso. — Dedos de manteiga. — Ela falou num tom doce, tornando a pegar na caixa. — Apanhaste um susto, hein?

— Quase me mataste.

— Eu bem que bati à porta, mas tu não te deste ao trabalho de te levatares para a abrir.

— Não ouvi. — Shawn suspirou. Empurrou os cabelos para trás. Franziu o rosto. — A O'Toole veio fazer uma visita. Há aqui algo avariado?

— A tua mente é igual a um balde enferrujado. — Brenna tirou o casaco e largou-o no espaldar de uma cadeira. Acenou com a cabeça para o fogão. — O teu forno não funciona há uma semana. E a peça que encomendei acaba de chegar. Queres que o conserte ou não?

Ele soltou um grunhido de concordância, acenando com a mão.

— Biscoitos? — disse Brenna, enquanto passava pela mesa. — Que tipo de pequeno-almoço é esse para um homem crescido?

— Estavam aqui. — Shawn sorriu, da forma que a deixava com vontade de o aconchegar no seu colo. — É uma chatice, cozinhar apenas para mim de manhã. Mas, se estiveres com fome, posso fazer alguma coisa para nós os dois.

— Não precisas de te incomodar. Já comi. — Ela voltou a largar a caixa no chão, ao lado do fogão. Abriu-a e começou a vasculhar lá dentro. — Tu sabes que a minha mãe faz sempre mais comida do que é necessário. Ela ficaria feliz se aparecesses por lá qualquer dia para um café da manhã.

— Dispara um foguete de sinalização quando ela fizer aquelas panquecas especiais. Mas não queres tomar um chá? O bule ainda está quente.

— Não me importaria. — Enquanto escolhia as ferramentas e pegava na peça nova, Brenna observou os pés de Shawn, a circular pela cozinha. — O que estavas a fazer? A compor?

— A procurar palavras para a letra de uma melodia. — respondeu ele, distraído. Os seus olhos haviam focado o voo

de um pássaro solitário, preto e lustroso, contra o céu cinzento.
— Parece que está muito frio lá fora.

— Frio e húmido. O Inverno ainda mal começou e já estou a torcer para que acabe em breve.

— Aquece um pouco os ossos.

Shawn baixou-se com uma caneca de chá, preparado da forma como sabia que ela gostava, forte, com bastante açúcar.

— Obrigada.

O calor da caneca passou para as mãos de Brenna quando pegou nela.

Ele permaneceu agachado, tomando o seu chá. Os joelhos encostavam-se, numa atitude de companheirismo.

— O que vais fazer com esse ferro velho?

— Que importância tem isso para ti, desde que volte a funcionar?

Shawn alteou uma sobrancelha.

— Se eu souber o que tu fizeste, posso ser eu a consertar na próxima vez.

O comentário fê-la rir-se tanto, que teve de se sentar no chão, para não perder o equilíbrio.

— Tu? Oh, Shawn, não és sequer capaz de dar um jeito na tua unha partida.

— Claro que sou.

Sorrindo, ele fez o gesto de roer uma unha, o que levou Brenna a uma nova gargalhada.

— Não te metas no que vou fazer nas entranhas desta coisa, e eu também não me envolverei com o próximo bolo que tu preparares aqui. Afinal, cada um tem as suas habilidades.

— Até parece que nunca usei uma chave de fendas. — murmurou ele, pegando numa das que estavam na caixa.

— E eu também já usei uma batedeira. Mas sei qual das duas coisas se ajusta melhor na minha mão.

Brenna tirou-lhe a chave de fendas. Mudou de posição, enfiando a cabeça dentro do forno, para começar a trabalhar.

Ela tinha mãos pequenas, pensou Shawn. Um homem poderia considerá-las delicadas, se não soubesse o que eram capazes de fazer. Já a observara a manejar um martelo, a empunhar um berbequim, a levantar madeira, a apertar uma rosca. Na maior parte do tempo, aquelas pequenas mãos de fada estavam cortadas, arranhadas ou lesionadas nas articulações.

Era uma mulher pequena para o trabalho que escolhera... ou fora o trabalho que a escolhera, pensou Shawn, enquanto se erguia. Sabia como isso era. O pai de Brenna consertava tudo, e a filha mais velha saía a ele. Assim como se dizia que Shawn saía à mãe da sua mãe, que muitas vezes se esquecia de lavar a roupa ou fazer o jantar, enquanto tocava a sua música.

Enquanto ele começava a recuar, Brenna mexeu-se, com o rabo a apertar-se ao fazer força para tirar um parafuso. Shawn franziu as sobrancelhas, no que considerou ser apenas o interesse reflexivo de um homem por uma parte atraente da anatomia feminina.

Afinal, Brenna tinha um corpo esguio e firme. E um homem poderia apalpar tudo aquilo com apenas uma das mãos. Mas, se alguém tentasse, Shawn imaginava que Brenna O'Toole o deixaria estendido no chão, inconsciente.

A ideia fê-lo sorrir.

De qualquer forma, preferia sempre contemplar o rosto de Brenna. Era extraordinário. Os olhos faiscavam, de um verde profundo, sob sobrancelhas elegantes, apenas um pouco mais escuras do que os cabelos ruivos lustrosos. A boca estava sem-

pre preparada para sorrir, entreabrir-se em desprezo ou contrair-se em fúria. Brenna raramente usava baton — ou qualquer outra maquiagem no resto do seu rosto, diga-se de passagem —, embora fosse unha e carne com Darcy, que não punha os pés fora de casa enquanto não estivesse pintada com perfeição.

O nariz era pequeno e arrebicado, com a tendência para tremer em desaprovação ou desdém. Na maioria das vezes, os cabelos ficavam presos sob o boné, onde ela prendera a pequena fada que Shawn lhe havia dado, anos antes, por algum motivo que já não se conseguia lembrar. Mas, quando Brenna tirava o boné, parecia haver quilómetros de cabelos de um ruivo forte e brilhante, todo encrespado.

O que combinava com ela.

Como queria ver de novo aquele rosto, antes de partir para o *pub*, Shawn encostou-se ao balcão, relaxado. Sorriu na expectativa.

— Ouvi dizer que andas a sair com o Jack Brennan.

Brenna levantou a cabeça abruptamente, batendo na parte superior do forno, com um estrondo. Shawn estremeceu. Por uma questão de sensatez, tratou de reprimir o riso.

— Não ando, não! — Como ele esperava, Brenna tirou a cabeça de dentro do forno. Havia um pouco de fuligem no nariz. Enquanto esfregava a cabeça dolorida, ela entortou o boné.

— Quem disse?

— Hum... — Com ar inocente, como três cordeiros, Shawn encolheu os ombros e terminou de tomar o chá. — Pensei ter ouvido por aí, em qualquer lugar. Sabes como são essas coisas.

— Vives com a cabeça nas nuvens e não prestas atenção a nada. Não ando a sair com ninguém. Não tenho tempo para essas idiotices.

Irritada, Brenna voltou a enfiar a cabeça dentro do forno.

— Nesse caso, estou enganado. O que pode acontecer com a maior das facilidades hoje em dia, numa altura em que a aldeia está cheia de romance. Noivados, casamentos e bebês a caminho.

— Pelo menos essa é a ordem apropriada.

Shawn soltou uma gargalhada. Voltou a ajoelhar-se ao lado de Brenna. Num gesto cordial, pousou a mão no rabo dela, mas não notou que ela ficou subitamente imóvel.

— O Aidan e a Jude já estão a escolher nomes, e ela mal completou dois meses de gravidez. Formam um casal adorável, não achas?

— Acho. — Brenna sentia a boca ressequida com o anseio, perigosamente próximo da necessidade. — É bom vê-los felizes. A Jude gosta de acreditar que o chalé é mágico. Apaixonou-se pelo Aidan aqui, iniciou uma vida nova, escreveu o seu livro. Diz que todas as coisas com que tinha até medo de sonhar aconteceram ao mesmo tempo. Tudo aqui.

— É um chalé adorável. Tem algo de diferente. — Shawn falava em parte para si mesmo. — Pode-se sentir em momentos inesperados. Quando se cai no sono ou se acaba de acordar. É como... uma sensação de espera.

Com a nova peça no lugar, Brenna tirou a cabeça do forno. Ele subiu a mão pelas suas costas, tranquilo, depois afastou-a.

— Já viste a *Lady Gwen*?

— Não. Às vezes sinto uma espécie de movimento no ar, à beira do meu campo de visão. Mas, quando viro a cabeça, não vejo nada. — Shawn afastou-se dela. Sorriu e levantou-se. — Talvez ela não queira que eu a veja.

— Eu diria que és o candidato perfeito para um fantasma com o coração partido. — Brenna desviou os olhos da expres-

são surpresa de Shawn. Mexeu nos botões do fogão, enquanto acrescentava. — Agora já deve funcionar em condições. Vamos a ver se está a aquecer.

— Podes verificar por mim, querida? — O alarme do forno tocou, provocando um sobressalto em ambos. — Tenho de ir agora.

Ele inclinou-se para desligar o alarme.

— É esse o teu sistema de alerta?

— Um deles. — Shawn levantou um dedo. Como se fosse uma deixa, o despertador no quarto começou a tocar. — É a segunda ronda. Mas vai desligar-se automaticamente, quando a corda acabar. Se não fosse assim, eu teria de subir a correr para o desligar todos os dias.

— Quando precisas és bastante esperto, não és?

— Tenho os meus momentos. O gato saiu. — Shawn pegou no casaco, pendurado num gancho. — Não tenhas pena dele, se voltar para arranhar a porta. O Bub sabia no que se estava a meter quando insistiu em se mudar para cá comigo.

— Lembraste-te de lhe dar comida?

— Não sou um idiota chapado. — Sem se sentir ofendido, Shawn passou o cachecol em torno do pescoço. — Ele tem comida suficiente... e se não tiver, vai suplicar à porta da tua cozinha. É capaz de fazer qualquer coisa só para me envergonhar. — Shawn colocou o boné na cabeça, enquanto acrescentava: — Vais aparecer no *pub*?

— É bem provável.

Brenna não suspirou, até ouvir a porta da frente ser fechada.

Qualquer anseio por Shawn Gallagher era um absurdo, disse ela a si mesma. Pois Shawn jamais sentiria a mesma coisa

por ela. Pensava nela como uma irmã... ou, pior ainda, compreendeu Brenna, como uma espécie de irmão honorário.

E era também culpa dela, admitiu Brenna, olhando para as gastas calças de trabalho e as botas arranhadas. Shawn gostava do tipo feminino, e ela estava longe disso. Poderia tentar arranjar-se. Entre Darcy e as suas irmãs, além de Jude, é claro, não haveria limite de consultas sobre o embelezamento de Brenna O'Toole.

Mas, além do facto de ela detestar todo esse trabalho e confusão, qual seria o sentido? Se, por acaso, se arranjasse e se maquilhasse, se apertasse e se enfeitasse para atrair um homem, ele não seria atraído pelo que ela era de facto.

E, de qualquer maneira, se pusesse baton e usasse jóias, acompanhando algum vestido insinuante, Shawn provavelmente riria até mais não poder, para depois fazer qualquer comentário idiota, que não lhe deixaria outra opção senão acertar-lhe com um soco na sua cara.

Não fazia mesmo qualquer sentido.

Deixaria a fantasia para Darcy, que era a campeã da aparência feminina. E para as suas irmãs, que gostavam dessas coisas, pensou Brenna. Quanto a ela... continuaria com as suas ferramentas.

Brenna voltou a concentrar-se no forno. Ligou-o em diferentes temperaturas. Verificou a grelha, apenas por precaução. Satisfeita por estar a funcionar em ordem, desligou-o e guardou as suas ferramentas.

Pretendia sair sem demoras. Afinal, não havia qualquer motivo para ficar por mais tempo. Mas o chalé era muito aconchegante. Um lugar em que sempre se sentira à vontade. Quando a velha Maude Fitzgerald vivera ali, por mais anos do

que Brenna poderia contar, Brenna aparecia com frequência para uma visita.

Depois, Maude morreria, e Jude viera dos Estados Unidos para passar uma temporada no chalé. Haviam-se tornado amigas. Por isso, fora fácil retomar a rotina de parar ali de vez em quando, ao voltar para casa ou a caminho da aldeia.

Brenna ignorava o impulso de parar com mais frequência, agora que Shawn morava ali. Mas era difícil resistir. Gostava do sossego do chalé e de todas as coisas bonitas que Maude acumulara ao longo dos anos. Jude deixara tudo no lugar, e Shawn parecia contente em fazer a mesma coisa. A pequena sala continuava alegre como sempre, com os seus adornos, as estatuetas encantadoras de fadas e magos, com os livros e o velho tapete desbotado.

É verdade que agora, após Shawn ter posto o piano em segunda mão no espaço restrito, quase não dava para uma pessoa se virar. Mas Brenna achava que o piano aumentava o charme. E a velha Maude sempre gostara de música.

Ela ficaria satisfeita, pensou Brenna, enquanto passava um dedo pela madeira preta escalavrada, porque havia alguém a fazer música no seu chalé outra vez.

Distraída, ela deu uma vista de olhos pelas partituras que Shawn deixara em cima do piano. Ele estava sempre a compor uma nova canção ou a mudar alguma coisa numa canção antiga. Brenna franziu o rosto, enquanto estudava os rabiscos e os pontos. Podia cantar, é verdade, de preferência uma canção de protesto, sem fazer com que algum cachorro uivasse em resposta. Mas tocar era muito diferente.

Como estava sozinha, ela decidiu satisfazer a sua curiosidade. Tornou a largar a caixa de ferramentas no chão, pegou

numa partitura e sentou-se ao piano. Com alguma dificuldade, mordendo o lábio, encontrou o dó médio no teclado. Lentamente, começou a tocar, uma nota de cada vez.

Era adorável, é claro. Tudo o que Shawn compunha era lindo. Nem mesmo a maneira lamentável como ela tocava poderia acabar com a beleza da música.

Ele acrescentara palavras àquela melodia, como fazia com frequência. Brenna limpou a garganta e tentou adaptar a voz a cada nota.

*À noite, quando estou sozinho e a lua derrama
as suas lágrimas,
sei que o mundo voltaria a ser maravilhoso
se estivesses aqui.
Sem ti, o meu coração fica vazio,
apenas com as lembranças que guarda.
Tu, só tu, existes dentro de mim, à noite,
quando a lua chora.*

Brenna parou. Suspirou, já que não havia ninguém que a ouvisse. As canções de Shawn deixavam-na sempre comovida, mas desta vez era um pouco mais profundo. E um pouco mais genuíno.

Lágrimas da lua, pensou ela. Pérolas para *Lady Gwen*. Um amor que pedia, mas não conseguia ser atendido.

— É muito triste, Shawn. O que há dentro de ti para compores uma música de tanta solidão?

Por melhor que o conhecesse, Brenna não sabia qual era a resposta para essa indagação. E bem que gostaria de saber. Sempre quisera conhecer a chave para Shawn. Mas ele não era

como um motor ou uma máquina, que ela podia desmontar para saber como funcionava. Os homens eram mais complicados, enigmas frustrantes.

Era o segredo de Shawn, o seu talento, pensou Brenna. Tudo interior e misterioso. Enquanto as suas próprias habilidades eram... Ela olhou para as mãos pequenas e eficientes. As suas habilidades eram as mais simples possíveis.

Mas pelo menos ela tirava um bom proveito e ganhava a vida com o que sabia fazer. E o que Shawn fazia com o seu enorme talento, a não ser sentar-se e sonhar? Se ele tivesse um pingo de ambição, ou um orgulho sincero pelo seu trabalho, venderia as suas canções, em vez de apenas compô-las e guardá-las em caixas.

O homem precisava de um bom pontapé no rabo por desperdiçar o talento que Deus lhe dera.

Mas isso, pensou Brenna, era uma irritação para outro dia. Agora, tinha o seu trabalho para fazer.

Ela começou a levantar-se, estendendo a mão para a caixa de ferramentas. E foi nesse instante que um movimento atraiu a sua atenção. Empertigou-se toda, mortificada ao pensar que Shawn voltara — ele passava a vida a esquecer-se de algo — para a surpreender a tocar a sua canção.

Mas não era Shawn quem parara à porta.

A mulher tinha cabelos dourados, mais para o claro, caindo em torno dos ombros. Usava um vestido cinzento, simples, que descia até ao chão. Os olhos eram de um verde suave, o sorriso tão triste que partia o coração ao primeiro olhar.

Reconhecimento, choque e uma exaltação inebriante envolveram Brenna ao mesmo tempo. Ela abriu a boca, mas o

que quer que fosse que tencionava dizer saiu num chio, enquanto o seu coração disparava.

Tentou de novo, um pouco embaraçada ao descobrir que os seus joelhos tremiam.

— Lady Gwen... — balbuciou ela.

E achou que era admirável ainda ter conseguido dizer isso, ao deparar-se com um fantasma de trezentos anos.

Enquanto a observava, uma única lágrima, brilhante como prata, deslizou pelo rosto da mulher.

— O coração dele está na canção. — A voz era tão suave como pétalas de rosa, mas, mesmo assim, deixou Brenna a tremer. — Presta atenção.

— O que...

Mas antes que pudesse concluir a pergunta, Brenna descobriu-se sozinha, apenas com a fragrância de rosas silvestres a pairar no ar.

— Essa não! — Ela tinha de se sentar. Não havia como evitar. E sentou-se no banco do piano. — Essa não! — Murmurou outra vez.

Teve de respirar fundo, várias vezes, até o coração parar de bater fortemente dentro do peito.

Quando achou que as pernas seriam capazes de a sustentar de novo, decidiu que era melhor contar a história a alguma pessoa, sábia, sensata e compreensiva. E não conhecia ninguém que se ajustasse a esses requisitos tão bem como a sua mãe.

Acalmou-se ainda mais no curto percurso até à sua casa. Ficava fora da estrada, quase como se fosse um quebra-cabeças, com peças acrescentadas aqui e ali ao longo dos anos. Ela própria ajudara a construir algumas. Quando o pai tinha uma

ideia para aumentar a casa, Brenna tinha o maior prazer em ajudá-lo, serrando e martelando. Algumas das suas lembranças mais felizes eram do trabalho ao lado de Michael O'Toole, que gostava de assobiar enquanto fazia as coisas.

Ela parou atrás do carro velho da mãe. Precisavam de pintar aquela lata velha, pensou Brenna, distraída, como sempre fazia. A fumaça saía pela chaminé.

Lá dentro, havia aconchego e calor, o cheiro da comida da manhã. Ela encontrou a mãe, Mollie, na cozinha, tirando o pão do forno.

— Mãe...

— Santo Deus, rapariga! Pregaste-me um susto.

Com uma gargalhada, Mollie colocou o tabuleiro em cima do fogão. Virou-se para a filha, sorrindo. Tinha um rosto bonito, ainda jovem e liso, com os cabelos ruivos que legara à filha presos no alto da cabeça, por conveniência.

— Desculpa. Estás a ouvir música.

— É pela companhia.

Mollie estendeu a mão para desligar o rádio. Por baixo da mesa, Betty, a cadela amarela da família, virou-se e soltou um gemido.

— Porque voltaste tão cedo para casa? Pensei que tinhas trabalho para fazer.

— Tinha. E tenho. Preciso de ir à aldeia ajudar o pai. Mas passei no Faerie Hill para consertar o forno do Shawn.

— Hum...

Mollie virou-se, para tirar os pães do tabuleiro, e deixá-los numa armação até esfriarem.

— O Shawn saiu antes que eu acabasse. Por isso, fiquei mais algum tempo no chalé. — Quando Mollie voltou a saltar

o mesmo grunhido distraído, Brenna mudou de posição. — E quando eu já ia sair... *Lady Gwen* apareceu.

— Hum... Como?

Finalmente registrando as palavras da filha, Mollie virou a cabeça para a fitar.

— Eu vi-a. Eu estava a tocar algumas notas no piano. Quando virei a cabeça, avistei-a na entrada da sala.

— Deve ter sido um susto e tanto.

Brenna suspirou. Mollie O'Toole era mesmo uma pessoa sensata, abençoada fosse.

— Fiquei tão atordoada que quase engoli a língua. Ela é mesmo muito bonita, como a velha Maude costumava dizer. E triste. Uma tristeza tão profunda que parte o coração.

— Sempre tive a esperança de a ver. — Uma mulher prática, Mollie serviu duas chávenas de chá e levou-as para a mesa. — Só que isso nunca aconteceu.

— Sei que o Aidan falou durante anos que a via. E depois foi a vez da Jude, quando se instalou no chalé. — Relaxada de novo, Brenna sentou-se à mesa. — Eu tinha acabado de conversar com o Shawn sobre *Lady Gwen*. Ele disse que nunca a vira... sentira, mas não vira. E, de repente, lá estava ela, a aparecer para mim. Por que razão achas que isso aconteceu?

— Não sei, querida. O que sentiste?

— Além de um choque pela surpresa, acho que compaixão. E depois perplexidade, porque não entendi o que ela me disse.

— *Lady Gwen* falou contigo? — Os olhos de Mollie arregalaram-se. — Nunca soube que ela tenha falado com qualquer pessoa. Nem mesmo com Maude, que me teria contado. O que disse *Lady Gwen*?

— O coração dele está na canção. E acrescentou que eu deveria prestar atenção. Quando recuperei o controlo, para perguntar o que isso significava, ela já havia desaparecido.

— Já que é o Shawn quem ali mora agora, e era o piano dele que estavas a tocar, eu diria que a mensagem foi bastante clara.

— Mas eu oiço a música dele durante todo o tempo. Não se pode ficar cinco minutos na companhia de Shawn sem a ouvir.

Mollie tinha intenção de falar. Mas mudou de ideias, Limitou-se a colocar a mão sobre a da filha. A sua querida Mary Brenna, pensou ela, tinha a maior das dificuldades em reconhecer qualquer coisa que não pudesse desmontar e montar de novo.

— Eu diria que vais acabar por perceber, quando chegar o momento.

— Ela faz com que a gente sinta vontade de a ajudar. — murmurou Brenna.

— És uma boa rapariga, Mary Brenna. Talvez, antes de tudo acabar, possas mesmo ajudá-la.

CAPÍTULO DOIS

Como fazia frio e o vento soprava forte, Shawn optou por preparar um *mulligan*, um cozido com vários ingredientes disponíveis. A manhã sossegada na cozinha do *pub* era um dos seus momentos predilectos. Enquanto cortava os legumes e dourava pedaços de cordeiro, ele desfrutava dos últimos minutos de solidão, antes que o *pub* abrisse as portas.

Dali a pouco, Aidan estaria a perguntar se ele fizera isto ou aquilo, se já tratara de alguma coisa. Depois, Darcy começaria a movimentar-se lá em cima, os passos a ressoar pelo soalho, o eco da música mais condizente com o seu ânimo naquele dia a descer pela escada dos fundos.

Mas, por enquanto, o Gallagher's era todo seu.

Shawn não queria a responsabilidade de o dirigir. Preferia deixar isso para Aidan. Sentia-se grato por ser o segundo filho. Mas o *pub* era importante para ele, uma tradição que passava de geração para geração, desde que Shamus Gallagher, juntamente com a mulher, construía o prédio na Baía de Ardmore e abria as portas para oferecer hospitalidade, abrigo e bom uísque.

Ele nascera filho de comerciante e compreendia que o trabalho ali era proporcionar conforto a todos os que entrassem no *pub*. Ao longo dos anos, o Gallagher's passara a significar conforto para todos que o conheciam. Tornara-se famoso também pela sua música, o chamado *seisiun*, uma reunião informal de músicos tradicionais. Apresentava ainda espectácu-

los mais estruturados, com músicos contratados de todas as partes do país.

O amor de Shawn pela música viera por meio do *pub*, ou seja, pelo sangue. Era parte dele tanto quanto os olhos azuis, ou o jeito do seu sorriso.

Havia poucas coisas de que ele gostava mais do que trabalhar na cozinha ouvindo a música que alguém tocava no *pub*. É verdade que havia ocasiões em que se sentia compelido a largar o que fazia e a participar na música. Mas que mal havia, se todos acabavam por receber o que pediam, mais cedo ou mais tarde?

Era raro — não impossível, mas raro — que ele deixasse alguma comida queimar na panela ou permitisse que um prato fosse servido frio. Afinal, orgulhava-se da sua cozinha e de tudo o que dela saía.

Agora, o vapor começava a elevar-se da panela, impregnando o ar com um aroma apetitoso, enquanto o caldo engrossava. Shawn acrescentou manjerição e alecrim, da horta que fizera. Era uma ideia nova usar aquelas ervas que ele cultivava; inspiração de Mollie O'Toole. Ele considerava-a a melhor cozinheira da paróquia.

Também acrescentou manjerona, mas essa foi tirada de um pote. Tencionava plantá-la, usando o que Jude dissera ter o nome de *grow light*, uma lâmpada fluorescente que ajudava certas plantas a crescer. Depois de satisfeito com a mistura de ervas, verificou os outros pratos no cardápio. Começou a cortar repolho para a salada, que preparava aos quilos.

Ouviu os primeiros passos lá em cima, depois a música. Música britânica hoje, pensou Shawn, reconhecendo a sucessão hábil e sofisticada das notas. Satisfeito com a escolha de

Darcy, ele cantou em conjunto com Annie Lennox, até que Aidan entrou na cozinha.

Aidan tinha vestida uma grossa camisola de pescador para se proteger do frio. Era mais corpulento do que o irmão, com os ombros mais largos. Os cabelos eram da mesma tonalidade de castanho-escuro do balcão do *pub*, com reflexos ruivos ao sol. Embora o rosto de Shawn fosse mais enxuto, os olhos de um azul mais suave, os genes da família ainda predominavam. Ninguém que os visse juntos duvidaria de que eram irmãos.

Aidan alteou uma sobrancelha.

— De que te estás a rir?

— De ti. — respondeu Shawn, descontraído. — Tens a expressão de um homem contente e satisfeito.

— E porque não deveria ter?

— Tens razão. — Shawn despejou, do bule para uma caneca, o chá que já preparara. — E como se sente a nossa Jude esta manhã?

— Sentiu náuseas assim que se levantou, mas parece não se importar. — Aidan bebeu um gole do chá. Soltou um suspiro. — Não me envergonho de dizer que sinto o estômago às voltas ao vê-la empalidecer no instante em que sai da cama. Depois de uma hora, mais ou menos, ela volta ao normal. Mas é uma hora comprida para mim.

Shawn encostou-se ao balcão, também com uma caneca nas mãos.

— Não gostaria de ser mulher por nenhuma quantia de dinheiro do mundo. Queres que eu lhe leve o guisado mais tarde? Ou talvez uma canja, se ela se sentir melhor com alguma coisa mais leve.

— Acho que ela pode aguentar o guisado. Tenho a certeza de que ficará agradecida... e eu também.

— Não há problema. Estou a fazer um guisado *mulligan*, como prato do dia. Estou a pensar em fazer também um pudim de pão e manteiga. Podes acrescentá-lo ao prato do dia.

O telefone começou a tocar. Aidan revirou os olhos.

— Espero que não seja o distribuidor a avisar que temos outro problema. O nosso stock de cerveja preta é menor do que me agrada.

E isso, pensou Shawn, enquanto o irmão deixava a cozinha para atender o telefone, era apenas um dos muitos motivos pelos quais se sentia contente em deixar que Aidan cuidasse da parte dos negócios no *pub*.

Todos aqueles cálculos e planeamento, pensou Shawn, enquanto reflectia sobre quantos quilos de peixe ele precisaria para fazer face ao movimento do dia. E Aidan ainda tinha de lidar com as pessoas, argumentar, exigir, insistir. Não era apenas ficar de pé no outro lado do balcão, a encher canecas e a ouvir o velho Sr. Riley contar uma história.

Havia outras coisas a considerar, como registos bancários, despesas gerais, taxa de manutenção e impostos. Era suficiente para deixar qualquer um com dores de cabeça, só de pensar nisso.

Shawn verificou o guisado. Mexeu uma vez rapidamente a enorme panela, depois foi até à escada dos fundos e chamou Darcy, gritando para que deixasse de ser preguiçosa e descesse rapidamente. Falou assim por hábito, sem qualquer irritação. O insulto que ela gritou em resposta foi da mesma espécie.

Satisfeito com o começo do seu dia, Shawn deixou a cozinha, a fim de ajudar Aidan a tirar as cadeiras de cima das mesas, como preparativo para o primeiro turno.

Mas Aidan estava parado ao lado do balcão, o rosto franzido, o olhar perdido no espaço.

— Problemas com o distribuidor?

— Não, não foi isso. — Aidan olhou para o irmão. — Era uma ligação de Nova Iorque. Um homem chamado Magee.

— Nova Iorque? É estranho, porque lá ainda nem são cinco horas da manhã.

— Eu sei. Mas o homem parecia bem desperto e sóbrio. — Aidan coçou a cabeça. Sacudiu-a. Levantou a caneca com o chá. — Ele quer montar um auditório em Ardmore.

— Um auditório? — Shawn pôs a primeira cadeira no chão. Apoiou-se nela. — Para funcionar como cinema?

— Não. Para música... música ao vivo. Talvez também apresente algumas peças de teatro. Disse que me estava a telefonar porque soubera que o Gallagher's era o centro musical aqui. Queria a minha opinião acerca disso.

Pensativo, Shawn pôs outra cadeira no chão.

— E o que disseste?

— Não tinha nada para dizer, já que fui apanhado de surpresa. Pedi que me desse um ou dois dias para pensar acerca disso. Ele vai ligar-me de novo no fim-de-semana.

— Porque pensaria um homem de Nova Iorque em construir um auditório aqui? Não pensarias logo em Dublin? Ou então em Clare ou Galway?

— Foi parte do seu argumento. — Explicou Aidan. — Ele não se mostrou uma grande fonte de informações, mas deixou bem claro que queria esta área em particular. Comentei

que talvez ele não soubesse que somos apenas uma aldeia de pescadores, não mais que isso. Claro que temos turistas nas praias, enquanto outros vêm visitar a catedral de São Declan, tirar fotos, essas coisas. Mas não se pode dizer que temos por aqui uma multidão animada.

Aidan encolheu os ombros, enquanto contornava o balcão para ajudar Shawn a arrumar as mesas.

— Ele limitou-se a rir. Disse que sabia de tudo isso, mas estava a pensar numa casa em pequena escala, para espectáculos mais íntimos.

— Posso dizer-te o que penso? — Quando Aidan balançou a cabeça, Shawn acrescentou: — Acho que é uma grande ideia. Se vai ou não dar certo, não sei, mas é uma grande ideia.

— Tenho de avaliar algumas coisas primeiro — murmurou Aidan. — É mais do que provável que o homem reconsidere e opte por outro lugar mais movimentado.

— Mas se isso não acontecer, convence-o a construir a casa atrás do *pub*. Como parte da rotina, Shawn começou a pôr cinzeiros nas mesas. — O terreno ali é nosso. Se o auditório ficar ligado de alguma ao Gallagher's, seríamos os mais beneficiados.

Aidan pôs a última cadeira no chão, sorrindo.

— É uma boa ideia. Surpreendes-me, Shawn, a pensar como um homem de negócios.

— De vez em quando, uma ou outra ideia costumam aflo-
rar na minha cabeça.

Mas ele não pensou muito a respeito disso depois de o *pub* abrir e os clientes começarem a entrar. Ainda teve tempo para uma rápida e divertida briga com Darcy, que lhe proporcio-

nou o prazer de a ver sair da cozinha em fúria, jurando que só voltaria a falar com ele depois de ele ter estado já seis anos na sepultura.

Shawn duvidava de que tivesse tanta sorte.

Ele serviu o guisado, fez peixe frito com batatas, preparou sandes com presunto e queijo quente. O zumbido constante de vozes no outro lado da porta era companhia suficiente. E durante a primeira hora do turno do almoço, Darcy cumpriu a palavra, de cara zangada, furiosa, enquanto entrava e saía, trazendo e levando os pratos. Olhava para a parede ao comunicar os novos pedidos.

Shawn estava a achar tão engraçado, que a agarrou e beijou na boca, ruidosamente, quando ela voltou à cozinha com os pratos vazios.

— Fala comigo, paixão. Estás a partir o meu coração.

Darcy empurrou-o, bateu nas suas mãos, irritada. Mas depois mudou de ideias e riu-se.

— Está bem, volto a falar contigo, seu casmurro. E agora quero que me soltes.

— Só depois de prometeres que não vais partir qualquer coisa na minha cabeça.

— O Aidan vai descontar do meu salário tudo o que eu partir, e tenho de poupar para um novo vestido.

Darcy atirou para trás a massa de cabelos pretos sedosos, torcendo o nariz para o irmão.

— Nesse caso, estou absolutamente seguro.

Shawn largou-a. Virou a posta de linguado que fritava na frigideira.

— Temos um casal de turistas alemães a querer experimentar o teu guisado, com pão de *graham* e salada de repo-

lho. Estão hospedados no hotel. — Darcy falava sem parar, enquanto o irmão enchia as tigelas. — Disseram que vão para Kerry amanhã, e depois vão seguir para Clare. Se fosse eu, a ter férias em Janeiro, passaria o tempo todo na ensolarada Espanha ou em alguma ilha tropical, onde não se precisa de mais nada além de um biquini e um protector solar.

Ela vagueava pela cozinha enquanto falava, uma mulher de rosto deslumbrante, a pele cremosa, os olhos azuis a faiscar. Tinha uma boca cheia, com uma sensualidade ostensiva, quer estivesse de cara zangada ou a sorrir. Pintara-a de vermelho-ardente naquela manhã, a fim de se manter alegre num dia tão frio e horrível.

Tinha um corpo que não deixava qualquer dúvida sobre a sua feminilidade. A paixão pela moda concentrava-se em roupas de cores fortes e tecidos leves.

Possuía o anseio dos Gallagher em viajar e a determinação de o fazer no estilo com que sonhava. Na mais alta classe.

Como hoje não era o dia para isso, ela pegou na bandeja com a comida. Já ia deixar a cozinha, quando Brenna entrou.

— Onde te meteste desta vez? — Perguntou Darcy. — Estás com o rosto todo preto.

— Fuligem. — Brenna fungou e passou o dorso da mão pelo nariz. — O meu pai e eu fomos limpar uma chaminé. Estava com muito lixo. Já consegui limpar-me quase completamente.

— Pensas assim porque ainda não te olhaste num espelho. Darcy deixou a cozinha, passando longe da amiga.

— Ela passaria o dia inteiro a olhar-se num espelho, se pudesse escolher. — Comentou Shawn. — Vieste almoçar?

— O meu pai e eu vamos querer o guisado. O aroma está delicioso.

Brenna avançou, a fim de se servir. Mas Shawn interpôs-se entre ela e o seu precioso fogão.

— Prefiro servir eu mesmo, já que não limpaste tanta fuligem daquela chaminé quanto pareces pensar.

— Está bem. E também vamos querer um chá. Antes que eu me esqueça, preciso de conversar contigo mais tarde.

Shawn olhou para trás.

— Porque não podemos conversar agora? Estamos ambos aqui.

— Prefiro deixar para um momento em que não estejas tão ocupado. Voltarei depois do turno do almoço, se não te importares.

— Sabes onde me encontrar, certo?

Shawn pôs o guisado e o chá numa bandeja.

— Claro que sei.

Brenna pegou na bandeja e levou-a para o último compartimento do *pub*, onde o pai esperava.

— Aqui está, pai. Guisado quente, saído directamente da panela.

— E cheira como o paraíso.

Mick O'Toole era como um garnisé, pequeno e magro, com uma massa de cabelos louro-avermelhados, olhos sempre animados, que oscilavam, como o mar, entre o verde e o azul.

Tinha um riso que parecia o zurrar de um burro, mãos como as de um cirurgião e um ponto fraco por histórias românticas.

Era o amor da vida de Brenna.

— É bom sentirmo-nos aquecidos e aconchegados agora, não achas, Mary Brenna?

— Tens toda a razão.

Brenna pegou num pouco do guisado com a colher. Soprou com todo o cuidado, pois o aroma, embora fosse tão apetitoso, deixava-a com vontade de correr o risco de ter a língua queimada.

— E agora que estamos aqui, prestes a encher a barriga, porque não me contas o que tanto te preocupa?

O pai percebia tudo, pensou Brenna. O que às vezes era um conforto, mas em algumas ocasiões poderia ser inconveniente.

— Não é uma preocupação tão grande. Lembras-te do que nos contaste que aconteceu quando eras jovem e a tua avó morreu?

— Lembro-me muito bem. Eu estava aqui mesmo, no Gallagher's Pub. Claro que foi no tempo em que o pai do Aidan trabalhava aqui, antes de partir para a América com a mulher. Tu não eras mais do que um desejo no meu coração e um sorriso nos olhos da tua mãe. Eu estava a consertar a pia, que não parava de pingar, o que levou o Gallagher a pedir a minha ajuda.

Ele fez uma pausa para provar o guisado. Depois, passou o guardanapo pelos lábios, já que a esposa era rigorosa com os modos à mesa, e o treinava de acordo com isso.

— Eu estava deitado no chão. Levantei os olhos e avistei a minha avó, a usar um vestido florido e um avental branco. Ela sorriu para mim. Quando tentei falar com ela, ela sacudiu a cabeça. Depois, levantou a mão, num gesto de despedida, e desapareceu. Compreendi naquele momento que ela havia morrido. Acabara de ver o seu espírito, que viera despedir-se. Eu era o seu neto predilecto.

— Não era minha intenção deixar-te triste. — Murmurou Brenna.

Mick soltou um suspiro.

— Era uma boa mulher. Teve uma vida longa e proveitosa. Mas os vivos sentem sempre saudade dos que já não estão aqui.

Brenna lembrava-se do resto da história. Como o pai deixara o trabalho e corraera até à pequena casa em que morava a avó, viúva há dois anos. Encontrara-a na cozinha, sentada à mesa, de vestido florido e avental branco. Tivera uma morte tranquila.

— Às vezes, aqueles que morrem sentem saudades dos outros. — Comentou Brenna, escolhendo as palavras com o maior cuidado. — Vi *Lady Gwen* esta manhã, no *Faerie Hill Cottage*.

Mick balançou a cabeça. Inclinou-se para a frente, a fim de ouvir melhor o relato da filha.

— Pobre mulher... — murmurou ele, quando Brenna acabou. — É muito tempo para esperar que as coisas aconteçam.

— Algumas pessoas esperam muito. — Brenna olhou para Shawn, que saía da cozinha com uma bandeja cheia de pratos. — Quero conversar acerca disso com o Shawn, depois de o movimento no *pub* diminuir. A Darcy diz que uma torneira no apartamento dela não está a funcionar em condições. Acho que vou subir para dar uma vista de olhos, assim que acabarmos de almoçar. E depois poderei conversar com o Shawn. A menos que tenhas outra coisa que eu precise de fazer hoje.

— Hoje, amanhã... — Mick encolheu os ombros. — O que não fizermos num momento, faremos noutro. Vou dar um salto até ao hotel no penhasco para saber se eles já decidiram que quarto vão remodelar primeiro. — Ele fez uma pausa, piscando o olho à filha. — Podemos ter um bom trabalho durante todo o Inverno. Num lugar quente e seco.

— E onde te possas esgueirar para dar uma olhada na Mary Kate, que passa o dia inteiro no escritório a mexer naquele computador.

Mick sorriu, contrafeito.

— Eu não iria até lá muitas vezes. Mas fico satisfeito que ela tenha decidido aceitar um emprego perto de casa, depois de concluir a Universidade. Espero que ela encontre em breve um trabalho mais apropriado a tudo o que aprendeu, em Dublin ou Waterford City. Todas as minhas meninas estão a voar do ninho.

— Eu continuo. E ainda terás a Alice Mae por muitos anos.

— Mas sinto saudades do tempo em que tropeçava numa das minhas cinco meninas cada vez que me virava. Agora, Maureen já é casada, e a vez de Patty chegará na próxima Primavera. Não sei o que farei, querida, quando te ligares a um homem e me deixares.

— Ainda estou enalhada em casa, pai. — Ela cruzou os pés, ao terminar o guisado. — Os homens não perdem a cabeça ou o coração por mulheres como eu.

— O homem certo perderá.

Brenna teve de recorrer a todo o seu esforço para não olhar na direcção da cozinha.

— Não vou prender a respiração enquanto espero. De qualquer maneira, somos sócios, não é assim? — Ela levantou os olhos e sorriu para o pai. — Portanto, com homem ou sem homem, será sempre O'Toole e O'Toole.

E era assim que ela queria, pensou Brenna, enquanto usava a casa de banho da Darcy para lavar o resto da fuligem. Tinha um trabalho que lhe agradava, e a liberdade de ir e vir, que seria impossível para uma mulher presa a um homem.

Teria o seu quarto em casa enquanto quisesse. A companhia da família e dos amigos. Deixaria todos os problemas de cuidar de uma casa e agradar a um marido para as suas irmãs Maureen e Patty. Tal como deixaria para Mary Kate o problema de sair do escritório e marcar a hora no relógio de ponto.

As suas ferramentas e a carrinha eram tudo aquilo de que precisava para sobreviver.

E o seu anseio por Shawn Gallagher só lhe trazia frustração e irritação. Imaginava que um dia acabaria por lhe passar.

Como conhecia muito bem Darcy, Brenna teve o cuidado de deixar tudo limpo. O lavatório branco ficou impecável, e ela usou os seus próprios panos para enxugar o rosto e as mãos, em vez de pegar nas toalhas franjadas que Darcy deixava ao lado do lavatório. Na opinião de Brenna, era um completo desperdício de pano, porque ninguém que, de facto, precisasse, usaria toalhas assim.

A vida seria muito mais simples se todos comprassem toalhas pretas. — Não haveria gritos e insultos quando as toalhas brancas felpudas acabassem por ficar encardidas.

Ela passou alguns minutos a trocar a tomada da sala. Estava a aparafusar o espelho quando Darcy entrou.

— Eu tinha mesmo esperança que tratasses disso. Já começava a irritar-me. — Darcy despejou o dinheiro das gorjetas naquilo a que chamava pote dos desejos. — Antes que eu me esqueça, o Aidan pediu-me para te informar de que ele e a Jude querem renovar o quarto que será do bebé. Vou visitar a Jude agora. Se quiseres vir comigo, poderás saber o que ela quer.

— Tenho outra coisa para fazer antes, mas podes avisá-la de que passarei por lá mais tarde.

— Mas que treta, Brenna! Deixaste as marcas das tuas botas sujas por todo o chão!

Brenna estremeceu, enquanto se apressava a terminar de aparafusar o espelho da tomada.

— Peço desculpa, Darcy. Mas limpei o lavatório com todo o cuidado.

— Também podes limpar o chão. Não tenho a menor intenção de lavar o que sujas. Porque não usaste a casa de banho do *pub*? É a semana do Shawn limpar.

— Não me lembrei. E pára de reclamar. Vou limpar tudo antes de sair. Deverias agradecer-me pela tomada que acabei de consertar, antes que desse um curto-circuito.

— Obrigada por isso. — Darcy voltou-se, vestindo um casaco de couro que comprara como presente de Natal para si mesma. — Eu espero por ti na casa da Jude.

— Está bem. — Resmungou Brenna, irritada com a perspectiva de lavar o chão da casa de banho.

Ela continuou a resmungar enquanto trabalhava. Disse alguns palavrões, furiosa, quando notou que também havia terra e lama ressequida no soalho da sala. Para não provocar a ira de Darcy, pegou no aspirador e limpou tudo.

Em consequência, o *pub* estava silencioso quando ela desceu. Shawn quase acabara de lavar a louça.

— Quer então dizer que a Darcy te contratou para fazeres fascina no apartamento?

— Sujei tudo com lama. — À vontade, ela serviu-se de uma chávena de chá. — Não pretendia demorar tanto. E não te quero deter aqui, se precisares de fazer alguma coisa antes de começar o movimento do jantar.

— Não tenho nada para fazer. Mas quero tomar uma caneca de cerveja. Vais continuar com o chá?

— Por enquanto.

— Vou buscar a cerveja. Sobrou um pouco de pudim, se quiseres.

Brenna não queria verdadeiramente, mas como tinha uma fraqueza por doces, serviu algumas colheradas numa tigela. Estava sentada quando Shawn voltou com uma caneca de Harp.

— O Tim Riley garante que o tempo vai melhorar amanhã.

— Parece que ele acerta sempre.

— Mas teremos humidade por muito mais tempo. — Shawn sentou-se em frente de Brenna. — O que aconteceu?

— Eu já te conto. — Brenna experimentou uma dúzia de maneiras diferentes para começar, na sua mente. Optou pela que parecia melhor. — Depois de teres deixado o chulé, esta manhã, fui até à sala para dar uma vista de olhos no tubo da chaminé.

Era uma mentira, claro, e ela estava preparada para a confessar ao padre. Mas não poderia dizer a Shawn que quisera tocar a sua música. O orgulho valia a penitência.

— Está em condições.

— Eu sei. — Brenna encolheu os ombros. — Mas é sempre melhor verificar essas coisas de vez em quando. Seja como for, quando me virei, deparei-me com ela na entrada da sala.

— Ela quem?

— *Lady* Gwen.

— Tu viste-a?

Shawn largou a caneca, a loiça a ressoar ao bater na madeira.

— Tão bem como te estou a ver agora. Ela estava ali parada, a sorrir para mim, muito triste. E depois...

Brenna não queria contar o que ouvira, mas sentia-se na obrigação. Uma coisa era dizer uma pequena mentira, outra coisa era enganá-lo.

— Depois o quê?

A rara demonstração de impaciência de Shawn deixou Brenna contrariada.

— Eu já ia dizer. E depois ela falou comigo.

— Falou contigo?

Shawn empurrou a cadeira para trás. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro da cozinha. Era uma reacção tão inesperada, que Brenna ficou espantada.

— O que te deu, Shawn?

— Sou eu quem mora no chalé, certo? Ela aparece para mim? Fala comigo? Não. Espera até tu ires consertar o forno e dares uma vista de olhos no tubo da chaminé para se mostrar.

— Lamento muito ter sido a escolhida pelo teu fantasma, mas não pedi isso, pois não?

Brenna encheu a boca com o pudim.

— Está bem, está bem... Não precisas de discutir comigo.

— Com o rosto franzido, ele voltou a sentar-se. — O que disse ela?

Brenna olhou além de Shawn, enquanto comia o pudim. Quando Shawn revirou os olhos, ela pegou no chá e bebeu um gole.

— Desculpa, mas estavas a falar comigo? Ou há alguma outra pessoa aqui com quem tenhas decidido gritar sem qualquer motivo?

— Eu é que peço desculpa. — Shawn mostrou um sorriso, porque quase sempre funcionava. — Podes contar-me o que ela te disse?

— Já que decidiste pedir polidamente, vou dizer-te. *Lady Gwen* murmurou: “O coração dele está na canção”. Pensei que ela se referia ao príncipe do mundo das fadas. Mas quando contei à minha mãe, ela comentou que poderia ser uma referência a ti.

— Se é verdade, não faço a menor ideia do que significa.

— Também não percebi. Mas queria saber se não te importarias se eu aparecesse por lá de vez em quando.

— Já apareces quando queres.

Brenna irritou-se com o comentário.

— Se não queres a minha presença, basta dizeres.

— Não foi isso que eu disse. Comentei apenas que tu já apareces de vez em quando.

— Pensei em ir até ao chalé também durante a tua ausência. Como hoje. Só para saber se *Lady Gwen* voltará a aparecer. E posso aproveitar para arrumar algumas coisas enquanto lá estiver.

— Não precisas de procurar trabalho para aparecer. Serás sempre bem-vinda.

Brenna acalmou-se não só por ele ter dito isso, mas também porque era sincero.

— Eu sei, mas gosto de me manter ocupada. Assim, farei alguma coisa quando passar por lá de vez em quando, se não te importares.

— E vais contar-me se voltares a vê-la?

— Serás o primeiro a saber. — Brenna levantou-se, para levar a chávena e a tigela até à pia. — Tu achas...

A voz definiu. Ela sacudiu a cabeça.

— O que foi?

— Nada. Trenguice.

Shawn aproximou-se por trás. Pressionou a nuca de Brenna com os dedos ágeis. Ela teve vontade de se arquear toda e ronronar como uma gata. Mas sabia que não devia fazê-lo.

— Se não podes dizer trenguices a um amigo, com quem te vais poder abrir?

— Eu estava a pensar se o amor realmente dura assim tanto, além da morte e do tempo.

— É a única coisa que realmente dura.

— Já estiveste alguma vez apaixonado?

— Nada que fincasse raízes... e, se isso não acontecesse, acho que não é amor.

Brenna soltou um suspiro que surpreendeu os dois.

— Se finca raízes num, mas não no outro, deve ser a pior coisa do mundo.

Shawn sentiu o coração palpitar. Achou que a reacção era de compaixão.

— Brenna, querida, será que te apaixonaste por mim?

Ela virou-se abruptamente. Shawn fitava-a com tanta... com *tanta* afeição, tanta paciência e compaixão, que ela teve vontade de espancá-lo. Em vez disso, limitou-se a empurrá-lo. Pegou na sua caixa de ferramentas.

— Shawn Gallagher, decididamente és um idiota chapado!

Com o nariz empinado, as ferramentas a fazer um enorme estrondo na caixa, ela saiu da cozinha.

Shawn apenas balançou a cabeça. Depois, foi terminar de lavar a loiça. Com o coração a palpitar de novo, especulou por quem O'Toole estaria apaixonada.

Quem quer que fosse, pensou Shawn, batendo a porta de um armário com algum exagero, era melhor que o homem se mostrasse digno dela.

CAPÍTULO TRÊS

Brenna não estava no melhor dos ânimos quando entrou na casa dos Gallagher. Não bateu à porta... nem pensou nisso. Entrava e saía daquela casa antiga, assim como Darcy entrava e saía da casa dos O'Toole, há tanto tempo quanto qualquer uma das duas se podia lembrar.

A casa passou por pequenas mudanças, ao longo dos anos. Ela e o pai haviam trocado o chão da cozinha — agora de um azul tão bonito quanto o céu do Verão — há apenas cinco Invernos. E ela própria pusera o papel de parede no quarto de Darcy, com aqueles adoráveis desenhos de botões de rosa, em Junho do ano passado.

Apesar de todas as remodelações, no entanto, o coração da casa permanecia igual. Era um lugar acolhedor, e parecia que a música ecoava entre as paredes, mesmo quando não havia ninguém a tocar.

Agora que Aidan e Jude moravam ali, havia sempre flores frescas em vasos, tigelas e garrafas. Porque Jude adorava flores. E Brenna sabia que a amiga tinha planos de criar um novo jardim na Primavera. Até conversara com Brenna sobre a construção de um caramanchão.

Teria de ser em estilo antigo, na opinião de Brenna, para combinar com a casa, em pedra e madeira, de crescimento desordenado. Ela já tinha uma ideia do que ficaria perfeito. Pouco a pouco, poderia trabalhar nisso.

No preciso momento em que Brenna entrou na casa, de cara séria, a gargalhada de Darcy desceu pelas escadas, fazendo-a contrair os lábios. A companhia das mulheres, reflectiu ela enquanto subia, era muito melhor que a dos homens.

Ou, pelo menos, do que grande parte dos homens, na maioria das vezes.

Brenna encontrou Darcy e Jude no que fora o quarto de Shawn, embora restasse pouca coisa dele ali, apenas a cama e a cómoda. Ele tinha levado para o chalé as estantes cheias de partituras, o violino e o *bodhran*, o tambor céltico tradicional.

O velho tapete continuava ali, castanho, desbotado. Brenna sentara-se nele por vezes incontáveis, fingindo estar entediada, enquanto Shawn tocava alguma música.

Na primeira vez em que se apaixonara, fora pela música de Shawn Gallagher. Acontecera há tanto tempo, pensou ela agora, que já não conseguia lembrar-se da canção ou da ocasião. Era uma daquelas músicas que pareciam ter sempre existido. Mas é claro que ela nunca o deixara perceber. Na sua opinião, as pessoas agiam mais depressa com estocadas do que com afagos. Embora Deus soubesse que nada, até agora, inspirara Shawn a mexer-se e fazer alguma coisa com as suas canções.

Brenna queria isso por ele, por aquele homem teimoso como uma mula. Queria que Shawn fizesse aquilo a que estava destinado, levando a sua música para o mundo.

Mas, Brenna lembrou-se a si mesma, isso não era da sua conta, e afligir-se com isso não era o motivo da sua visita agora.

O motivo, pensou ela, contraindo os lábios, era o problema de Jude.

Numa rápida avaliação, Brenna decidiu que as paredes estavam horríveis, com as marcas dos quadros e sabe-se lá

mais o quê, pendurados por Shawn, a destacarem-se na tinta desbotada pelo sol. Havia também dezenas de buracos de pre-gos, provando que o homem não tinha o mínimo jeito com o martelo.

Mas Brenna conseguia lembrar-se que sempre que a Sra. Gallagher tinha o capricho de arrumar o quarto do filho, Shawn sorria e dizia que não precisava de se incomodar. Ele gostava dele tal como estava.

Brenna encostou-se à porta, já visualizando como transformar aquele espaço masculino negligenciado num alegre quarto de bebé. E, pensando nisso, fitou as amigas, paradas na janela, a olhar para fora.

Darcy, com os cabelos deslumbrantes a caírem soltos, Jude, com os seus exuberantes cabelos castanhos, presos atrás da cabeça. Eram um contraste em estilos, pensou Brenna; Darcy era brilhante como o sol, Jude subtil como um raio de luar. Tinham mais ou menos a mesma altura, que era a média para mulheres. O que as deixava uns oito centímetros acima de Brenna. Os corpos também eram similares, embora Darcy fosse mais abundante em matéria de curvas e não se desse ao trabalho de as ocultar.

Ambas eram inconfundivelmente femininas.

Não era uma coisa que Brenna invejasse... claro que não. Mas ela gostaria, de vez em quando, de não se sentir tão tola sempre que vestia uma saia e sapatos de mulher.

Como não era um assunto que lhe agradasse remoer, ela enfiou as mãos nos bolsos das calças largas e inclinou a cabeça para o lado, indagando:

— Como vais determinar o que desejas que seja feito no quarto, se passas o dia inteiro a olhar lá para fora?

Jude virou-se, com um sorriso que iluminou o rosto bonito e sério.

— Estamos a observar o Aidan na praia com o Finn.

— Ele saiu a correr como um coelho assustado no instante em que começámos a falar de papel de parede, cor de tinta e tecidos. — Comentou Darcy, enquanto Brenna avançava. — Disse que precisava de exercitar o cão.

— Ora, ora... — Brenna foi até à janela. Avistou Aidan e o cão ainda pequeno, Finn, sentados na areia, a olharem para as ondas. — É mesmo um belo espectáculo. Um homem de ombros largos e um lindo cachorrinho, na praia de Inverno.

— Eu aposto que ele está absorvido em pensamentos profundos, concentrado na iminente paternidade. — Darcy lançou um último olhar afectuoso para o irmão, depois virou-se, com as mãos nas ancas. — E cabe-nos a nós tratar dos aspectos práticos, enquanto ele se senta e filosofa.

Brenna deu uma pequena palmada, cordial, na barriga de Jude.

— E como estás?

— Muito bem. O médico disse que estamos ambos saudáveis.

— Ouvi dizer que estiveste enjoada esta manhã.

Jude revirou os olhos verdes como o mar.

— O Aidan preocupa-se demais. Até parece que sou a primeira mulher a conceber uma criança desde Eva. É apenas um enjojo matutino. Passa rapidamente.

— Se fosse eu — declarou Darcy, sentando-se na cama antiga do irmão —, exploraria ao máximo esse enjojo. Vê se tratas de ser mimada, Jude Frances, tanto quanto puderes. Porque, depois da criança nascer, vais estar ocupada demais

para te lembrares do teu nome. Lembras-te de quando a Betsy Duffy teve o primeiro filho, Brenna? Adormeceu durante a missa, todos os domingos, durante dois meses. Com o segundo, ficava ali, atordoada, de olhos desvairados. E quando teve o terceiro...

— Já chega! — Jude riu-se, dando uma palmada nos pés de Darcy. — Já percebi a ideia. Mas neste momento estou a lidar apenas com os preparativos para o primeiro. Brenna... — Ela ergueu as mãos, antes de acrescentar: — Estas paredes estão demais.

— Um espectáculo e tanto, não é? Mas podemos dar um jeito nisso. Limpar tudo, tapar os buracos... — Brenna pôs o dedo num buraco enorme. — E pintar em condições.

— Pensei em pôr papel de parede, mas decidi que pintar é melhor. Uma cor bem clara. E, depois, podemos pendurar quadros... quadros de contos de fadas.

— Devias pendurar os teus próprios desenhos. — Sugeriu Brenna.

— Não desenho assim tão bem.

— Suficientemente bem para venderes um livro com as tuas histórias e os teus desenhos. — Lembrou Brenna. — Acho as tuas ilustrações encantadoras. E para o bebé, quando crescesse, significaria muito mais ter quadros da própria mãe pendurados no seu quarto.

— Achas mesmo? — Jude bateu com um dedo nos lábios, o prazer pela ideia evidente nos seus olhos. — Talvez eu mande emoldurar alguns desenhos, para ver como ficam.

— Molduras de cores vivas. — Declarou Brenna. — Os bebés gostam de cores alegres. Pelo menos a minha mãe disse sempre isso.

— Muito bem. — Jude respirou fundo. — Não quero cobrir o soalho, mas vai ser preciso lixá-lo e passar outra camada de verniz.

— Não há problema. Alguns remates precisam de ser trocados. Mas posso arranjar outros para combinar com o resto.

— Ótimo. Tive outra ideia, na qual tenho vindo a pensar muito. Como é um quarto grande, achei que poderia aproveitar este canto para uma área de brincar. — Jude atravessou o quarto, gesticulando. — Prateleiras aqui em cima, para guardar os brinquedos, uma mesinha e uma cadeira, que ficariam debaixo da janela.

— Podemos fazer isso. Mas, se as prateleiras contornarem o canto, podemos aproveitar melhor o espaço. Seria como um local separado, não sei se entendes o que quero dizer. E posso fazer prateleiras ajustáveis, que possam mudar de posição, de acordo com as necessidades.

— Contornar o canto... — Jude contraiu os olhos, tentando visualizar. — Já percebi. A ideia agrada-me. O que achas, Darcy?

— Acho que vocês as duas sabem muito bem o que é preciso aqui, mas cabe-me a mim levar-te a Dublin para comprares algumas roupas elegantes de maternidade.

Numa reacção instintiva, Jude levou a mão à barriga.

— Ainda não se nota.

— Porque deverias esperar? Vais precisar das roupas muito antes de o bebé precisar das prateleiras, e já estás a pensar nelas, certo? Iremos na próxima quinta-feira, tenho o dia todo de folga. — E levaria no bolso a parte do seu ordenado que reservava para se divertir. — Está bem para ti, Brenna?

Brenna já tinha tirado a fita métrica da caixa de ferramentas.

— Não posso ir. Tenho muito trabalho a fazer para tirar um dia de folga, visitar lojas em Dublin e esperar enquanto vocês as duas ficam a olhar embasbacadas para um par de sapatos sem o qual não podem continuar a viver.

— Bem precisas de botas novas. — Comentou Darcy. — As tuas dão a impressão de que marchaste até aos condados do oeste e voltaste.

— Servem muito bem para mim. Jude, diz ao Shawn para tirar a tralha dele daqui logo que possa, e poderei começar o trabalho na próxima semana.

— Isso não é tralha. — Declarou Shawn, da porta. — Passei muitas noites felizes nessa cama em que a Darcy se refastela agora.

— Pois agora é tralha. — Insistiu Brenna, desdenhosa. — E está a atrapalhar. E quantas vezes, se é que posso saber, tiveste de bater num prego para abrir buracos deste tamanho na parede?

— Pendura quadros por cima, e o tamanho dos buracos já não terá qualquer importância.

— Já que pensas assim, se estás a pensar em pendurar alguma coisa no chalé, é melhor chamares alguém que saiba distinguir um lado do martelo do outro. Tens de o obrigar a jurar isso, Jude, caso contrário o chalé vai-se tornar em escombros até à Primavera.

— Eu próprio taparei os malditos buracos, se isso fizer com que cales a boca.

O tom era agradável... perigosamente agradável. E foi o suficiente para provocar um pequeno sobressalto no coração de Brenna, levando-a a encobrir a reacção com sarcasmo.

— Claro, claro, vais consertar... da mesma forma como consertaste a pia do *pub* na última vez que entupiu, obrigando-me a avançar por três ou quatro centímetros de água no chão para dar um jeito.

Quando Darcy se riu, Shawn lançou-lhe um olhar frio e silencioso.

— Eu vou tirar tudo o que é meu amanhã, Jude, se não houver problema contigo.

Ela começou a avançar, apressada, reconhecendo o orgulho masculino abalado.

— Não há pressa, Shawn. Estávamos apenas...

Jude parou de falar, enquanto o quarto começava a girar, deixando-a nauseada.

Antes que ela cambaleasse e caísse, Shawn atravessou o quarto, numa velocidade que deixou Brenna espantada, para amparar a cunhada.

— Não foi nada. — Já sentindo a cabeça a desanuviar, Jude apertou o ombro de Shawn. — Fiquei tonta por um instante. Foi só isso. Acontece de vez em quando.

— Agora vais ficar deitada. — Declarou ele, encaminhando-se para a porta, com Jude ao colo. — Chama o Aidan.

Shawn deu a ordem a Darcy, olhando para trás.

— Não precisas de o incomodar, Shawn. Estou bem e...

— Chama o Aidan. — Repetiu Shawn.

Mas Darcy já começara a correr.

Brenna continuou parada por um momento, com a fita métrica na mão. Como a mais velha das cinco irmãs, vira a mãe estendida no chão, com tonturas devido à gravidez. Por isso, não se sentia muito alarmada com o comportamento de Jude. Estava aturdida, porém, com a demonstração de força

que acabara de testemunhar. Shawn pegara em Jude ao colo como se ela não tivesse qualquer peso.

Onde se escondia essa força?

Ela sacudiu a cabeça, para a clarear. Seguiu apressada para o quarto principal, a tempo de ver Shawn a pousar Jude na cama, com extrema gentileza, e a puxar a colcha para a cobrir.

— Shawn, isto é um absurdo. Eu sei..

— Fica deitada. — Ele sacudiu um dedo para a cunhada, de uma forma que fez Jude obedecer, e deixou Brenna de olhos arregalados. — Vou chamar o médico.

— Ela não precisa de um médico. — Brenna quase se encolheu com o olhar furioso de Shawn, ao virar-se para ela. Mas também viu o medo masculino no fundo dos seus olhos, o que a deixou comovida. — É apenas parte do processo de gravidez, mais nada. — Ela foi até à cama, sentou-se e afagou a mão de Jude. — A minha mãe costumava deitar-se no chão da cozinha quando tinha vertigens, especialmente com a Alice Mae.

— Eu estou bem agora.

— Claro que estás. Mas um pouco de descanso não faz mal a ninguém. Porque não vais buscar água para a nossa Jude, Shawn?

— Ainda acho que deveríamos chamar o médico.

— É provável que o Aidan o chame de qualquer maneira. — Como Jude parecia muito infeliz, Brenna lançou-lhe um olhar de simpatia. — Não fiques tão angustiada. A minha mãe diz que o pai fazia a mesma coisa quando estavam à minha espera. Quando as outras vieram, ele já se tinha habituado. E, afinal, um homem tem o direito de sentir pânico. Não sabe o que está a acontecer dentro do teu corpo, pois não? Shawn, precisamos da água.

— Já a vou buscar. Mas não deixes a Jude levantar-se.

— Eu estou bem.

— Eu sei. Já recuperaste a cor, os olhos ficaram claros. —

Brenna apertou de novo a mão de Jude. — Queres que eu saia para falar com o Aidan, para tentar acalmá-lo?

— Se achas... — Ela parou de falar quando ouviu a porta da frente, com um estrondo, depois os passos na escada. — Tarde demais.

Brenna levantou-se e atravessou metade do quarto, antes que Aidan entrasse a correr.

— Ela está bem. Teve apenas uma vertigem, como acontece com qualquer mulher grávida. Não precisa...

Brenna suspirou quando Aidan passou por ela, sem prestar a menor atenção.

— Estás bem? Desmaiaste? Alguém já chamou o médico?

— Vamos deixar que ela o acalme.

Brenna acenou com a cabeça para Darcy, empurrando-a para fora do quarto e fechando a porta.

— Tens a certeza que ela está bem? Ficou muito pálida, de repente.

— Garanto-te que ela está bem. E o Aidan provavelmente vai mantê-la na cama durante o resto do dia, mesmo que ela proteste.

— Já é terrível demais para uma mulher ficar enorme como uma vaca quando espera uma criança. Pior ainda é passar a manhã inteira com a cabeça metida na retrete e desmaiar nos momentos mais inesperados. — Darcy soltou um suspiro, fazendo um esforço para se acalmar. — É uma situação lamentável que a mulher tem de suportar. E vocês... — Ela espetou um dedo em Shawn, que passava pelo corredor, com um copo

cheio de água. — Tudo o que os homens têm de fazer é divertir-se, passar nove meses a assobiar e depois distribuir charutos fedorentos.

— O que serve para provar que Deus é homem. — Comentou ele, com um ténue sorriso.

Os lábios de Darcy contraíram-se com o comentário, mas ela limitou-se a balançar a cabeça.

— Vou preparar um chá com torradas para a Jude.

Ela afastou-se, deixando Shawn a olhar para a porta fechada do quarto.

— Vamos dar um pouco de privacidade aos dois.

Brenna pegou-o pelo braço e levou-o na direcção das escadas.

— Ela não precisa da água?

— É melhor beberes tu. — Brenna, sentindo muita ternura por ele, levantou a mão e tocou no seu rosto. — Estás branco como um lençol.

— O susto roubou-me dez anos de vida.

— Dá para perceber. Mas agiste depressa e fizeste o que era correcto.

Brenna foi para o quarto ao lado. Pegou na fita métrica.

— Uma porção de coisas está a mudar dentro dela, e provavelmente não tem descansado como deveria. Ainda por cima, está absorta nos seus planos. — Ela tirou uma medida e anotou no seu pequeno caderno. — É muita coisa nova na sua vida, em pouco tempo.

— Acho que é mais fácil para as mulheres absorver essas mudanças.

— É possível. — Brenna continuava a medir e anotar. — Tu deves lembrar-te de quando a tua mãe esperava a Darcy.

— Um pouco.

Shawn tomou um gole de água, já que sentia a garganta ressequida devido ao nervosismo. Brenna estava bastante calma, ele notou, a circular graciosa pelo quarto, naquelas suas botas velhas, a medir tudo, a anotar, a fazer marcas com o lápis, escrevendo números nas paredes.

Alguns fios de cabelo saíam do boné, apenas uns poucos cachos ruivos, provavelmente soltos na sua corrida até ao outro quarto.

— De que mais te lembras?

— Como?

Shawn perdera o fio da conversa em algum ponto. Agora, transferiu o olhar dos cachos ruivos provocantes, por cima do ombro, para o rosto de Brenna.

— Do tempo em que a tua mãe estava grávida da Darcy. De que te lembras mais?

— De encostar a cabeça à barriga dela e sentir todos aqueles pontapés e movimentos. Era típico da Darcy, impaciente para sair e fazer o que queria.

— Gostei do comentário. — Brenna guardou a fita métrica e o pequeno caderno de anotações. Levantou a caixa de ferramentas. — Desculpa ter sido antipática contigo. Estava de mau humor hoje.

— Estás de mau humor na maioria dos dias. — Mas ele sorriu, puxando a pala do boné para cima dos olhos de Brenna. — Já me acostumei tanto aos teus ataques de fúria, que já nem me importo.

Naquele momento, Brenna queria mesmo ter um ataque... e mordê-lo bem ali, junto do queixo. Para descobrir qual era o sabor. E se tentasse, imaginou que seria Shawn a desmaiar.

— Não vou começar a trabalhar aqui antes de segunda ou terça-feira. Por isso, não precisas de te apressar para tirar as tuas coisas. Mas...

Ela levantou um dedo, para o espetar no peito de Shawn.

— Falo a sério quanto a pendurar quadros no chalé.

Shawn riu-se.

— Se eu sentir o impulso de pegar no martelo... — Ele deixou-a atordoada, ao inclinar-se para dar um beijo rápido no seu rosto. — Podes ter a certeza que chamarei a O'Toole.

— Mas faz mesmo isso.

Excitada de novo, Brenna encaminhou-se para a porta. Aidan, com uma cara de exausto, saiu do quarto principal.

— Ela está bem. Diz que está bem. Liguei para o médico e *ele* disse que não preciso de me preocupar. Basta fazer com que ela descanse um pouco, com os pés levantados.

— A Darcy foi fazer um chá.

— Uma boa ideia. A Jude ficou aborrecida, porque tencionava levar flores para o túmulo da velha Maude esta tarde. Eu poderia fazer isso, mas...

— Podes deixar que eu levo as flores — ofereceu-se Shawn. — Tu vais sentir-te melhor se puderes passar mais tempo com a Jude. Posso ir até lá de carro, visitar a velha Maude, e voltar a tempo de começar a preparar tudo para o jantar no *pub*.

— Ficaria grato. — O rosto contraído de Aidan relaxou um pouco. — A Jude contou-me que pegaste nela ao colo e a levaste para a cama. E obrigaste-a a permanecer deitada.

— Só quero que lhe peças para não desmaiar de novo em cima de mim. O meu coração não aguentaria.

Shawn levou flores para Maude, alegres amores-perfeitos púrpuras e amarelos, que Jude já havia colhido. Ele não ia com frequência ao velho cemitério. Não perdera ninguém muito próximo que tivesse sido sepultado ali. Mas, como o chalé ficava perto, pensou ele, poderia assumir o encargo de Jude, até que ela tivesse mais condições para a caminhada.

Os mortos estavam enterrados perto da Fonte de São Declan, onde as pessoas que faziam a peregrinação para homenagear o antigo santo irlandês costumavam lavar as mãos e os pés. Havia três cruzes de pedra nas proximidades, a guardar o lugar sagrado; e talvez, reflectiu Shawn, proporcionando conforto aos vivos que subiam aquela colina para apresentar o seu respeito aos mortos.

A vista era espectacular, com a Baía de Ardmore a estender-se como uma faixa cinzenta, sob o céu pronto para uma tempestade. E a vasta extensão do Mar Céltico, o coração que pulsava dia e noite, projectando-se para o horizonte. Entre o rumor das ondas e o vento havia música; e as aves cantavam, desafiando o Inverno.

O sol era fraco e branco, o ar húmido, começando a esfriar ainda mais. A relva que crescia entre as lápides e pedras tornara-se pálida com o Inverno. Mas Shawn sabia que a estação nunca era muito prolongada ali. Não demoraria muito até que hastes verdes e novas comesçassem a surgir entre as velhas.

O ciclo que lugares assim representavam nunca acabava. O que dava algum conforto.

Ele sentou-se ao lado da sepultura de Maude Fitzgerald. Cruzou as pernas, descontraído, e começou a ajeitar as flores sobre a lápide, onde havia a inscrição *Wise Woman*, a sábia mulher.

A mãe de Shawn fora uma Fitzgerald antes do casamento, prima em algum grau da velha Maude. Ele lembrava-se dela com bastante clareza, uma mulher baixa e magra, cabelos brancos, olhos verdes, sempre enevoados, de alguém que via longe.

Lembrava-se também da forma como Maude o fitava às vezes, um olhar penetrante e sereno, que o deixava inquieto. Mais do que isso, apreensivo. O que não o impedia de se sentir atraído por ela. Quando criança, costumava sentar-se a seus pés, quando ela aparecia no *pub*. Nunca se cansava de ouvir as suas histórias. Mais tarde, anos mais tarde, transformara algumas daquelas histórias em canções.

— É a Jude, quem te manda estas flores — murmurou Shawn. — Ela está a repousar agora, já que teve uma vertigem devido à gravidez. Mas não precisas de te preocupar, porque não foi nada demais. Como queríamos que a Jude descansasse, eu disse-lhe que te traria as flores. Espero que não te importes.

Shawn permaneceu em silêncio por um momento, deixando o olhar vaguear em redor.

— Estou a morar no teu chalé agora, pois o Aidan e a Jude instalaram-se na casa. É o costume dos Gallagher, como tenho a certeza de que sabes. Especialmente agora, com a vinda do bebé, o chalé seria pequeno demais. A avó de Jude, a tua prima Agnes Murray, deu-lhe o chalé, como presente de casamento.

Sentado no chão, ele procurou uma posição mais confortável. Os dedos começaram a tamborilar no joelho, de uma forma inconsciente, acompanhando o ritmo do mar.

— Gosto de viver no chalé, pelo sossego. Mas não entendo porque não vi *Lady Gwen*. Sabias que ela apareceu para a Brenna O'Toole? Deves lembrar-te da Brenna. É a mais velha

das raparigas O'Toole, que moram na casa mais próxima do chalé. Ela é a ruiva... bem, quase todas as raparigas O'Toole são ruivas, mas com a Brenna é como... como se tivesse o fogo do sol nas pontas. Dá até para pensar que se podem queimar os dedos ao tocar naqueles cabelos. Em vez disso, porém, eles são sedosos e macios.

Shawn fez uma pausa. Franziu um pouco o rosto. Limpou a garganta.

— Seja como for, já estou no chalé há quase cinco meses, e *Lady Gwen* ainda não me apareceu. Ou pelo menos não claramente. A Brenna foi arranjar o forno, e *Lady Gwen* não só se mostrou, como também lhe falou.

— As mulheres são mesmo umas criaturas impertinentes.

O coração de Shawn sobressaltou-se, já que não esperava que alguém lhe pudesse responder, naquele lugar. Levantou os olhos para se deparar com um homem de cabelos pretos compridos, olhos de um azul penetrante, com um sorriso malicioso a contrair os cantos dos lábios.

— Tenho pensado assim muitas vezes.

Shawn respondeu com bastante calma, mas o seu coração decidira que um sobressalto não era suficiente, e agora disparara dentro do peito.

— Mas parece que não podemos passar sem elas, não é assim?

O homem levantou-se da cadeira de pedra, ao lado das três cruzeiras. Os seus movimentos eram graciosos quando avançou sobre a relva e as pedras, nas suas botas de couro macio, para se sentar no outro lado da sepultura.

O vento, agora mais forte e mais frio, desmanchava os seus cabelos e ondulava a capa vermelha, presa nos ombros.

A claridade aumentou, de tal forma que tudo — pedras, relva, flores — parecia sobressair, em alto-relevo. À distância, misturando-se com o som do mar e do vento, podia-se ouvir a música de dança, gaitas e flautas a tocar.

— Não por muito tempo — respondeu Shawn, mantendo o olhar firme e rezando para que o coração acalmasse.

O homem pôs as mãos nos joelhos. Usava um calção antigo e um gibão de prata, com fios de ouro. E numa das mãos tinha um anel de prata com uma pedra azul brilhante.

— Sabes quem eu sou, certo, Shawn Gallagher?

— Vi as ilustrações que a Jude fez para o livro dela. Ela é muito boa a desenhar.

— E sente-se muito bem e feliz agora, não é assim? Casada e à espera de uma criança?

— Exactamente, Príncipe Carrick.

Os olhos de Carrick faiscaram, com um brilho de poder e divertimento.

— Preocupa-te conversares com o príncipe do mundo das fadas, Gallagher?

— Não tenho o menor desejo de ser levado para um palácio das fadas pelos próximos cem anos, já que tenho muitas coisas para fazer aqui.

Com as mãos ainda nos joelhos, Carrick inclinou a cabeça para trás e riu-se. Era um som forte e firme. Sedutor, cativante.

— Tenho a certeza de que algumas mulheres na corte ficariam felizes com a visita, pela tua aparência e pelo teu talento musical. Mas és útil para mim aqui, do teu lado. Terás de permanecer neste mundo. Por isso não precisas de te preocupar.

Ele ficou sério abruptamente. Inclinou-se para a frente.

— Disseste que a Gwen falou com a Brenna O’Toole. O que disse ela?

— Não sabes?

Carrick estava de pé, sem ter feito qualquer movimento.

— Não tenho permissão para ir ao chalé, nem sequer para entrar no jardim, embora more por baixo. O que disse ela?

O coração de Shawn palpitou em compaixão. A pergunta era mais uma súplica do que uma ordem.

— “O coração dele está na canção”. Foi isso que ela disse à Brenna.

— Nunca lhe dei música. — Carrick levantou um braço. Com um movimento do pulso, fez a luz resplandecer. — Diamantes tirados do fogo do sol, foi o que lhe dei a ela. Despejei-os a seus pés, quando lhe pedi para vir comigo. Mas ela rejeitou-os. E rejeitou-me. Do fundo do seu coração. Sabes o que é isso, Gallagher, ser rejeitado pela mulher que queres, a única que alguma vez irás querer?

— Não, não sei. Nunca desejei alguém dessa forma.

— Tenho pena de ti, porque não se está vivo enquanto não se sentir algo assim.

Carrick levantou a outra mão. Tudo em redor caiu na escuridão, cortada por raios e faíscas prateados. Um nevoeiro, denso e húmido, espalhou-se pelo chão.

— Apesar de tudo, mesmo depois de ela ter acatado a ordem do pai, ainda recolhi as lágrimas da lua e despejei-as como pérolas a seus pés. E, mais uma vez, ela me rejeitou.

— Os diamantes do sol e as lágrimas da lua transformaram-se em flores — continuou Shawn. E ela cuidou dessas flores, ano após ano.

— O que representa o tempo para mim? — Com a impaciência a aflorar, Carrick fitou Shawn com uma expressão irritada. — Um ano, um século.

— Um ano é um século quando se espera o amor.

A emoção transbordou dos olhos de Carrick, antes que ele os fechasse.

— És hábil com as palavras, não apenas com as melodias. E tens toda a razão.

Ele voltou a movimentar o pulso, e o sol pálido de Inverno voltou.

— Mas esperei tempo demais para procurá-la pela última vez. E do fundo do mar, das profundezas azuis, tirei o seu coração. Fiz centenas de safiras. Também as levei para ela. Despejei-as a seus pés. Para a minha Gwen, tudo o que tinha e ainda mais. Mas ela disse-me que estava velha, que era tarde demais. Pela primeira vez, eu vi-a chorar, enquanto me dizia que, se eu lhe oferecesse as palavras que tinha no coração, em vez de pedras preciosas, em vez de promessas de eternidade e riqueza, ela poderia ter trocado o seu mundo pelo meu, o dever pelo amor. Não acreditei.

— Estavas furioso. — Shawn perdera já a noção das vezes em que tinha ouvido contar a história. Quando era pequeno, costumava sonhar acerca disso, o impetuoso príncipe do mundo das fadas montado no seu cavalo branco alado, voando para o sol, para a lua, para o fundo do mar. — Porque a amavas, mas não sabias de que outra forma demonstrá-lo, de que outra forma dizer-lho.

— Que mais pode um homem fazer?

Shawn sorriu.

— Isso não te posso dizer. Mas lançar um encantamento que deixou os dois à espera, ao longo dos séculos, não foi provavelmente a atitude mais sensata.

— Tenho o meu orgulho, não é? — Carrick sacudiu a cabeça. — E o meu feitio. Três vezes pedi, e três vezes ela recusou. Agora temos de esperar até que o amor encontre o amor três vezes, e aceite tudo. Defeitos e virtudes, tristezas e alegrias. Tu és hábil com as palavras, Gallagher. — Carrick fez uma pausa. O sorriso nervoso voltou. — Ficarei insatisfeito se demorares tanto tempo quanto o teu irmão para as usar.

— O meu irmão?

— Três vezes. — Os olhos azuis de Carrick eram profundos e cintilantes. — A primeira já aconteceu.

Shawn também se levantou, de punhos cerrados.

— Estás a falar do Aidan e da Jude? Ousas dizer-me, seu desgraçado, que lançaste um encantamento sobre eles?

— És um grande tolo. Os encantamentos de amor não existem. Não se pode fazer magia no coração, que é mais poderoso que qualquer encantamento. Pode-se despertar a luxúria com um piscar de olhos, o desejo com um sorriso. Mas o amor é o amor, e não há nada que o possa afectar. O que o teu irmão tem com a Jude Frances é tão real quanto o sol, a lua e o mar. Tens a minha palavra.

Lentamente, Shawn relaxou.

— Então peço perdão.

— Não me posso ofender com um irmão que defende um irmão. Se me sentisse ofendido, já estarias agora a zurrar como um burro. — Carrick riu-se, desdenhoso. — Também tens a minha palavra sobre isso.

— Agradeço a tua moderação... — Shawn fez uma pausa, voltando a ficar tenso. — Pensas que eu serei o segundo passo para que o teu encantamento seja quebrado? Se pensas assim, devo dizer-te que estás a olhar na direcção errada.

— Sei muito bem para onde olho, jovem Gallagher. Tu é que não sabes. Mas saberás, muito em breve. Garanto-te.

Carrick fez uma galante reverência. Desapareceu em seguida, no instante em que o céu se abriu e a chuva desabou, furiosamente.

— Perfeito, simplesmente perfeito.

Shawn ficou parado sob o aguaceiro, perplexo e furioso. E atrasado para o trabalho.

CAPÍTULO QUATRO

Ele não gostava de se apressar em nada. Meditava e considerava, avaliava e media. Por isso, decidiu não contar a ninguém, pelo menos por enquanto, sobre o seu encontro com Carrick ao lado da sepultura da velha Maude.

Mas sentia-se um pouco preocupado. Não tanto por se encontrar com um príncipe do mundo das fadas. Estava no seu sangue aceitar a existência da magia, e no seu coração apreciá-la. A forma da conversa é que o preocupava, o rumo que tomara.

Não admitia escolher uma mulher — ou ser por ela escolhido — e apaixonar-se perdidamente só para se submeter aos planos e desejos de Carrick.

Não era do tipo de casar e assentar, como Aidan. Gostava das mulheres, é claro. O cheiro delas, os seus corpos, o calor que irradiavam. E havia muitas disponíveis. Todas cheirosas, cheias de curvas e ardentes.

Por mais que tendesse a fazer canções sobre o amor, em todas as suas variedades maravilhosas e angustiantes, preferia esquivar-se no nível pessoal.

O amor, do tipo que agarrava o coração com as duas mãos e apertava com toda a força, era uma tremenda responsabilidade. E a vida era bastante agradável da maneira como ele a levava. Tinha a sua música e o *pub*, a família e os amigos, e agora o pequeno chalé na colina, todo seu.

Isto é, excepto pelo fantasma, que de qualquer forma parecia não querer a sua companhia.

Por isso, Shawn resolveu pensar bastante a respeito do que acontecera, enquanto trabalhava. Tinha peixe para fritar e batatas para cortar, tinha um enorme pastelão de pastor no forno, como chamavam ao bolo de carne moída com puré de batata. Os sons da noite de sábado começavam a esquentar, no outro lado da porta da cozinha. Os músicos de Galway, contratados por Aidan, tocavam uma balada. O tenor cantava sobre Ballystrand, muito bem.

Como tinha uma excursão de compras em Dublin combinada com Jude, Darcy estava com um ânimo excepcional, toda sorridente e cooperativa. Os pedidos que ela transmitia a Shawn saíam como canções; e ela parecia dançar quando os levava para as mesas, depois de prontos. Os dois não haviam trocado uma única palavra áspera durante o dia inteiro.

Shawn calculou que seria um recorde.

Quando ouviu a porta da cozinha a ser aberta, deixando a música passar, ele pôs num prato uma posta comprida de peixe frito.

— Só falta preparar o último pedido, querida. E o pastelão estará pronto em cinco minutos.

— Adorarei comer um pouco, mal fique pronto.

Shawn olhou para trás, com um sorriso radiante.

— Mary Kate! Pensei que fosse a Darcy. Como estás, querida?

— Muito bem. — Ela largou a porta, deixando-a fechar nas suas costas. — E tu?

— A mesma coisa.

Ele recolheu as batatas fritas da frigideira e preparou os pedidos, enquanto a estudava.

A irmã mais nova de Brenna desabrochara durante os anos na Universidade. Deveria pesar agora uns cinquenta e cinco quilos. Era linda como uma pintura. Os cabelos eram mais dourados do que os de Brenna, mas também avermelhados, descendo em ondas até à altura do queixo. Os olhos tinham um toque de cinza sobre o verde, e ela procurava realçá-los com uma maquilhagem subtil. Não era muito mais alta do que a irmã mais velha, mas tinha mais peito e ancas. Trazia um vestido verde-escuro, próprio para noites de sábado e para mostrar como o seu corpo era atraente.

— Pareces-me melhor do que muito bem. — Shawn ajeitou os pratos prontos no forno, depois encostou-se ao balcão para conversar um pouco. — Como foi que conseguiste crescer assim tanto, sem que eu me apercebesse? Deves andar a arrebatat corações masculinos todos os dias.

Mary Kate riu-se, fazendo um esforço para que o som parecesse maduro e feminino, em vez da gargalhada infantil que a florara na sua garganta. A atracção que sentia por Shawn Gallagher era muito recente... e muito forte.

— Tenho andado demasiado ocupada para arrebatat corações, com todo o trabalho no hotel.

— Gostas do que lá fazes?

— Muito. Devias aparecer por lá. — Ela adiantou-se, tentando manter os movimentos ao mesmo tempo descontraídos e sedutores. — Tira um dia de folga e deixa-me oferecer-te uma refeição no hotel.

— É uma ideia.

Shawn piscou-lhe o olho, fazendo o coração de Mary Kate disparar. Depois, virou-se para abrir o forno e verificar o pastelão.

Ela aproximou-se.

— O aroma está delicioso. Tens uma mão incrível para cozinhar. Muitos homens são desastrados numa cozinha.

— Quando um homem... ou uma mulher, diga-se de passagem, é desastrado numa cozinha, é quase sempre porque sabe que alguém vai aparecer para o expulsar de lá e fazer tudo, a fim de poupar tempo e aborrecimentos.

— É verdade. — Ela falou quase num sussurro, com uma reverência evidente. — Mas, embora sejas tão bom, aposto que de vez em quando gostarias que alguém te preparasse uma refeição em vez de teres de cuidar sempre da comida.

— Não posso dizer que não gostaria.

Quando Brenna entrou, pela porta dos fundos, a primeira e única coisa que viu na cozinha foi Shawn Gallagher a sorrir para os olhos deslumbrados da sua irmã.

— Mary Kate! — A voz de Brenna soou ríspida, como o estalo de um chicote. Ao ouvi-la, a irmã corou e recuou. — O que estás a fazer aqui?

— Eu... estava apenas a conversar com o Shawn.

— Não tens nada a fazer aqui, a usares o teu melhor vestido e a atrapalhares o Shawn.

— Ela não me atrapalha.

Acostumado a ser repreendido pelos mais velhos, Shawn inclinou-se para bater de leve, num gesto confortador, no rosto de Mary Kate. E, sendo um homem, nem se apercebeu das nuvens de sonho que surgiram nos olhos da jovem.

Mas Brenna apercebeu-se. Adiantou-se, rangendo os dentes, pegou no braço da irmã, apertando com força, e levou-a para a porta.

A humilhação das circunstâncias acabou com a sofisticação madura que Mary Kate tanto se empenhara em exibir.

— Larga-me, sua mandona desgraçada!

A voz alteou-se, estridente, enquanto ela se debatia. As duas quase esbarraram em Darcy, que entrava na cozinha naquele momento.

— O que te deu? Não tens o direito de fazer isto comigo! Vou contar à mãe!

— Podes contar!

Sem hesitar, nem afrouxar a pressão no braço, Brenna arrastou a irmã para a pequena sala reservada na extremidade do balcão. Fechou a porta.

— Podes-lhe contar, sua idiota desmiolada, e eu aproveitarei para lhe contar também como te estavas a oferecer ao Shawn Gallagher.

— Não estava, não!

Solta, Mary Kate fungou, ergueu o queixo, e alisou com todo o cuidado a manga do seu melhor vestido.

— Estavas quase a morder o pescoço dele quando eu entrei. O que te deu? O Shawn tem quase trinta anos, e tu mal completaste vinte. Sabes o que estás a pedir quando esfregas os seios num homem, daquela forma?

Mary Kate baixou os olhos para a camisola folgada da irmã.

— Pelo menos eu tenho seios.

Era um ponto sensível, uma área muito delicada, pois Brenna ressentia-se do facto de todas as suas irmãs, até a jovem Alice Mae, terem maiores seios do que ela.

— O que é ainda mais um motivo para ter respeito por eles e não os espetar na cara de um homem.

— Não fiz isso! E já não sou uma criança que precisa de ouvir um sermão de alguém como tu, Brenna O'Toole! — Ela empertigou-se, ergueu os ombros. — Sou uma mulher adulta agora. Já estive na universidade. Tenho uma carreira.

— E suponho que isso justifica que pules para cima do primeiro homem que desperta a tua fantasia, para te divertires.

— Ele não é o primeiro que desperta a minha fantasia.

Com um sorriso lento, que fez os olhos de Brenna tornarem-se frios e contraídos, Mary Kate sacudiu os cabelos e acrescentou:

— Mas que o Shawn me atrai, não vou negar... e não há motivo para não o deixar saber disso. É da minha conta, apenas, Brenna. Tu não tens nada que te meter.

— Claro que tenho. Ainda és virgem?

O choque total nos olhos de Mary Kate foi suficiente para Brenna compreender que a irmã não costumava desfilar nua pelos corredores da Universidade de Dublin. Mas, antes que ela pudesse suspirar, Mary Kate explodiu.

— Quem pensas tu que és? A minha vida romântica não é da tua conta. Tu não és nem a minha mãe nem o meu padre confessor para te meteres. Cuida da tua vida.

— Tu fazes parte da minha vida.

— Não quero que te metas, Brenna. Tenho o direito de conversar com o Shawn, sair com ele ou fazer qualquer outra coisa que eu venha a decidir. E se achas que podes sair a correr para contar histórias sobre o meu comportamento à mãe, veremos o que ela pensa do dia em que te encontrei com a Darcy a jogarem póquer com as cartas sagradas dela.

— Isso aconteceu há muitos anos. — Mas Brenna sentiu um indício de pânico. A mãe não acharia que a passagem dos anos faria alguma diferença. — Foi uma brincadeira inofensiva de raparigas. E o que encontrei na cozinha não é inofensivo, Mary Kate. Mas sim absurdo. Não te quero ver magoada.

— Posso cuidar de mim própria. — Mary Kate voltou a sacudir os cabelos. — Se queres ter inveja porque sei como atrair um homem, em vez de tentar ser um, o problema é teu. Não meu.

A farpa entrou tão depressa e verdadeira, que Brenna ficou imóvel. Não compreendeu que sangrava até que Mary Kate saiu, furiosa, batendo a porta. As lágrimas arderam nos seus olhos. A sua vontade foi de sentar-se numa daquelas cadeiras e deixar as lágrimas correrem.

Não estava a tentar ser um homem. Apenas queria ser ela própria.

E apenas quisera proteger a irmã. Detê-la antes que fizesse alguma coisa que a pudesse magoar ou embaraçar. Ou pior.

Era tudo culpa de Shawn, decidiu ela. A pequena voz na sua cabeça que sussurrava que não era bem assim foi ignorada. Era culpa de Shawn por seduzir a sua jovem e inocente irmã, fazendo-a pensar que estava apaixonada. Pois dar-lhe-ia uma lição agora mesmo.

Brenna deixou a pequena sala, balançando a cabeça. Desviou-se quando Aidan pôs a mão no seu braço e perguntou o que havia acontecido. Quando voltou a entrar na cozinha, os seus olhos brilhavam. Mas não com lágrimas. O sentimento estava mais próximo de fúria assassina.

— Porque arrastaste a Mary Kate para fora da cozinha daquela forma, Brenna? Estávamos apenas...

Shawn parou de falar, porque ela marchou até ele, as botas quase batendo nas pontas dos seus sapatos, enquanto um dedo tentava abrir um buraco no seu peito.

— Mantém as mãos longe da minha irmã!

— Pelas verdes colinas de Deus, de que estás a falar?

— Sabes muito bem de que estou a falar, seu devasso incorrigível. Ela tem apenas vinte anos! É quase uma criança!

— Mas o que foi? — Ele empurrou a mão de Brenna, antes que o dedo alcançasse o seu coração. — O que aconteceu?

— Se pensas que vou ficar de braços cruzados enquanto tu a acrescentas à tua lista de conquistas, então é melhor pensares duas vezes!

— A minha lista... Mary Kate? — O choque veio primeiro. Depois ele lembrou-se como a rapariga... não, já não era uma rapariga, apressou-se em corrigir... o fitara, sorriera e batera as lindas pestanas. — Mary Kate... — repetiu Shawn, pensativo agora, com a insinuação de um sorriso.

Um nevoeiro vermelho de raiva turvou os olhos de Brenna.

— Tira o brilho dos teus olhos, Shawn Gallagher, ou juro que deixarei os dois bem roxos.

Como Brenna tinha os punhos levantados, ele recuou um passo, cauteloso. Ergueu as mãos, com as palmas viradas para a frente.

— Acalma-te, Brenna. Nunca toquei na tua irmã. Nem pensei nisso. E mais, nunca pensei em Mary Kate dessa forma até tu mesmo o teres dito. Afinal, eu conheço-a desde os tempos em que usava fralda.

— Ela já não usa fraldas, agora.

— Tens razão, não usa mesmo. — Talvez Shawn tivesse falado com uma insinuação insensata de aprovação. Por isso,

ele supôs que o punho que acertou na sua barriga foi culpa sua. — Ora, Brenna, um homem não pode ser culpado por apreciar uma mulher.

— Se quiseres, aprecia à distância. Se fizeres algum movimento para chegares mais perto, prometo que te parto as pernas. As duas.

Era raro Shawn perder a calma. Por isso, reconheceu que estava perigosamente próximo. Para resolver a questão, ele colocou as mãos sob os cotovelos de Brenna e levantou-a, até que os seus olhos ficassem ao mesmo nível. O choque e a fúria incendiavam os olhos de Brenna.

— Não me ameaces. Se eu tivesse pensamentos nesse sentido em relação à Mary Kate, já teria agido. E o caso seria apenas do nosso interesse, não do teu. Percebeste?

— Ela é minha irmã!

Brenna não disse mais nada quando ele a sacudiu com força.

— E achas que isso te dá o direito de a embaraçar e esmurrares-me, quando não fizemos mais do que conversar aqui na cozinha? Estou a conversar contigo agora, como já fizemos muitas e muitas vezes antes. Por acaso rasguei as tuas roupas e fiz o que queria contigo? — Shawn largou-a de novo no chão e deixou-a mais furiosa do que nunca ao virar as costas. — Deverias envergonhar-te por te deixares levar pela imaginação, Brenna.

— Eu... — As lágrimas iam correr, afinal. Brenna fez um esforço para as conter, engolindo em seco, várias vezes. Atordoadada, viu Darcy a entrar na cozinha. — Tenho de ir — foi o máximo que ela conseguiu balbuciar.

E saiu a correr pela porta dos fundos.

— Shawn... — Darcy largou os pratos vazios na pia. Virou-se para fitar o irmão, indignada. — O que fizeste para deixar a Brenna a chorar daquela forma?

Culpa, raiva e emoções que ele não queria explorar travavam uma guerra terrível dentro dele.

— Não chateies! — Resmungou ele, rispidamente. — Já tive que chegasse com mulheres por uma noite.

Brenna sentia-se mortificada e desesperada. Ficara transtornada, insultara e embaraçara duas pessoas de quem gostava muito. E intrometera-se no que não era da sua conta.

Não, não acreditava nisso. Era mesmo da sua conta. Mary Kate fazia flirt de uma forma vergonhosa, e Shawn mostrava-se indiferente.

O que era típico.

Mas ele não deveria permanecer indiferente. A irmã de Brenna era muito bonita, meiga e inteligente. E, sem menor sombra de dúvida, era uma jovem a desabrochar em toda a sua plenitude.

Protegê-la não fora um erro. Mas o método fora inepto, e mais do um pouco egoísta. Porque — e ela tinha de encarar esse ponto — também agira como uma mulher a defender o seu território.

Um facto a que Shawn também se mostrava indiferente.

Tudo o que ela podia fazer agora era tentar reparar a situação, da melhor forma possível.

Dera uma longa caminhada pela praia. Para derramar todas as lágrimas, reflectir, recuperar o controlo. E ter a certeza de que os pais estariam na cama quando voltasse para casa, a fim de poder conversar a sós com Mary Kate.

Havia uma luz acesa na varanda, e outra na janela da frente. Brenna deixou-as acesas, porque duvidava que a sua irmã Patty voltasse cedo do seu encontro na noite de sábado.

Outro casamento, pensou ela, enquanto tirava o casaco. Mais confusão e planeamento, mais lágrimas absurdas por causa de flores e amostras de tecidos.

Brenna não conseguia entender como uma pessoa sensata poderia querer passar por tudo aquilo. Maureen tornara-se numa pilha de nervos — e deixara toda a família com os nervos à flor da pele — antes de finalmente descer pela nave da igreja, no Outono.

É verdade que ela fora uma noiva adorável, pensou Brenna, enquanto pendurava o boné no gancho do armário. Radiante e viçosa, no seu lindo vestido branco, com o véu de rendas que a mãe usara no seu casamento. A felicidade era como raios de sol, quase projectando-se das pontas dos seus dedos. Ao contemplar toda aquela onda de amor que irradiava da irmã, Brenna deixara de se sentir, pelo menos por um momento, uma tola enfiada no vestido azul de dama de honra, todo enfeitado.

Se desse aquele salto — e, como queria ter filhos, teria de se casar algum dia —, a simplicidade seria a regra.

Aceitaria um casamento na Igreja, como imaginava que a mãe e o pai queriam para todas as filhas. Mas não passaria meses a olhar para vestidos, a procurar em catálogos, a discutir os prós e os contras de rosas ou tulipas, todas essas coisas.

Usaria o vestido e o véu da mãe. Talvez levasse um bouquet de margaridas amarelas, já que as achava lindas. E desceria pela nave, de braço dado ao do pai, ao som de flautas, em vez de um velho órgão. E depois, teriam uma festa em casa.

Um *ceili* grande e barulhento, onde todos poderiam afrouxar a gravata e relaxar.

E porque, pensou ela, balançando a cabeça diante do quarto partilhado pelas irmãs mais novas, Mary Kate e Alice Mae, porque sonhava com isso agora?

Brenna entrou no quarto. Parou por um instante, aspirando a fragrância feminina adocicada, enquanto os seus olhos se ajustavam. Depois, foi até à cama perto da janela, no fundo do quarto.

— Mary Kate, estás acordada?

— Está, sim. — A silhueta da cabeça e ombros de Alice Mae, cercados por cabelos revoltos, ergueu-se na outra cama. — E devo dizer que ela te odeia como veneno, sempre te vai odiar, até ao dia em que ela deixar este mundo. Nunca mais vai falar contigo.

— Volta a dormir.

— Como posso dormir, se ela volta para casa e incendeia os meus ouvidos com insultos contra ti? É verdade que a expulsaste da cozinha do Gallagher's e depois lhe deste um sermão?

— Não, não é.

— Claro que é — corrigiu Mary Kate, a voz tensa e formal. — E, por gentileza, Alice Mae, diz-lhe para tirar esse rabo magro da minha cama.

— Ela pediu para tirares...

— Já ouvi. E não vou sair daqui.

— Se ela não quer, então saio eu.

Mary Kate tinha a intenção de se levantar, mas foi imobilizada.

Ao som de luta e insultos abafados, Alice Mae acendeu o candeeiro na sua mesinha de cabeceira para assistir ao espectáculo.

— Nunca vais conseguir vencer-lhe, Katie, pois lutas como uma mulher. Nunca prestaste atenção ao que ela nos ensinou?

— Fica quieta, sua desmiolada. Como posso pedir-te desculpa se estás a tentar morder a minha mão?

— Eu não quero o teu pedido de desculpa!

— Mas vais ter de o aceitar, nem que to tenha de enfiar pelas goelas abaixo.

Aborrecida, sem saber o que mais fazer, Brenna tomou a providência mais simples. Sentou-se em cima da irmã.

— A Brenna esteve a chorar.

Com o coração mais gentil da Irlanda, Alice Mae saiu da cama e aproximou-se.

— Calma, calma... — Gentilmente, ela beijou as faces de Brenna. — Não pode ser assim tão mau, querida.

— Mãezinha... — murmurou Brenna.

Ela quase recomeçou a chorar. A sua irmã pequenina já não era pequenina. Tornara-se uma rapariga esbelta e bonita, prestes a tornar-se uma mulher adulta. E isso, pensou Brenna com um suspiro, seria uma preocupação para outro dia.

— Volta para a tua cama, querida. Os teus pés vão ficar gelados.

— Eu vou sentar-me aqui. — Ela subiu para a cama e acomodou-se sobre as pernas de Mary Kate. — Para te ajudar a imobilizá-la. Se foi suficiente para te fazer chorar, ela deve pelo menos ter a cortesia de te ouvir.

— Foi ela quem *me* fez chorar primeiro — protestou Mary Kate.

— As tuas lágrimas eram de raiva — declarou Alice Mae, transtornada, usando uma das expressões da mãe.

— Acho que parte das minhas também. — Com outro

suspiro, Brenna estendeu um braço pelos ombros de Alice Mae. — Ela tinha o direito de estar zangada comigo. Eu com-portei-me muito mal. Desculpa, Katie, pela forma como agi, pelas coisas que disse. Estou arrependida.

— Estás mesmo?

— Do fundo do coração. — As lágrimas voltaram a subir, pela garganta, pelos olhos. — Eu amo-te.

— Eu também te amo — soluçou Mary Kate. — E também te peço desculpa. Disse coisas horríveis. Não era a sério.

— Não tem importância. — Brenna mudou de posição para que a irmã se pudesse sentar na cama e ser abraçada. — Mas não posso deixar de me preocupar contigo — murmurou ela, contra os cabelos de Mary Kate. — Sei que já és crescida agora, mas não é fácil pensar em ti assim. Não é tão difícil com a Maureen e a Patty. A Maureen é apenas dez meses mais nova do que eu, e Patty nasceu um ano depois. Mas com vocês as duas... — Ela abriu os braços, para que Alice Mae também se pudesse aconchegar, antes de acrescentar: — Lembro-me muito bem da ocasião em que vocês nasceram. Por isso, é diferente.

— Mas eu não estava a fazer nada errado.

— Eu sei. — Brenna fechou os olhos. — És muito bonita, Katie. E imagino que precisas de testar as tuas habilidades. Eu simplesmente gostaria que fizesses isso com um rapaz da tua idade.

— Já fiz. — Com uma gargalhada embaraçada, Mary Kate afastou a cabeça do ombro da irmã, a sorrir. — E acho que estou pronta para subir um nível.

— Santa Maria! — Brenna voltou a fechar os olhos. — Só quero que me respondas a uma coisa. Achas que estás apaixonada pelo Shawn?

— Não sei. — Mary Kate encolheu os ombros, apreensiva. — É possível. Acho que ele é muito bonito, como um cavaleiro andante num cavalo branco. E é como um poeta, romântico e profundo. E fita as pessoas nos olhos. Muitos rapazes olham para um ponto abaixo. Por isso, sabes que não estão a pensar em ti, mas sim na possibilidade de te tirar a camisa. Alguma vez já reparaste nas mãos de Shawn, Brenna?

— Nas mãos?

Longas, estreitas, hábeis. Deslumbrantes.

— São as mãos de um artista. E tu sabes, só de olhar para elas, qual seria a sensação se ele te acariciasse.

— É verdade... — Brenna concordou com um longo suspiro. Apressou-se em recuperar o controlo. — O que eu quis dizer é que sei como ele pode agitar... certos sentimentos, sendo tão bonito. Só quero que tenhas cuidado. Mais nada.

— Terei todo o cuidado.

— Pronto, já fizeram as pazes — disse Alice Mae, levantando e beijando as duas. — Agora, Brenna, queres fazer o favor de sair, para que possamos dormir um pouco?

Brenna não dormiu muito; e, quando lhe pegou o sono, teve sonhos. Sonhos estranhos, confusos, com momentos de clareza que quase doíam no cérebro. Um cavalo branco alado, montado por um homem vestido de prateado, de cabelos pretos compridos a esvoaçar, com um rosto bonito e firme.

Voava pela noite, com as estrelas a cintilarem em seu redor, cada vez mais alto, na direcção da bola branca e reluzente que era a lua cheia. Uma lua da qual a luz pingava, como lágrimas. O cavaleiro recolheu essas lágrimas, como pérolas, no

seu saco de prata cintilante. E foi despejá-las no chão, aos pés de *Lady Gwen*, no chalé na colina das fadas.

— Estas são as lágrimas da lua. Representam o meu anseio por ti. Aceita as pérolas e a mim também.

Mas ela derramou as suas próprias lágrimas, enquanto se virava, rejeitando-o. E as pérolas luziram na relva, transformando-se nas flores-da-lua.

E foi Brenna quem as colheu, à noite, quando as delicadas pétalas brancas se abriam. Deixou-as no pequeno alpendre, ao lado da porta do chalé, para que Shawn as encontrasse. Porque ela carecia da coragem para entrar com as flores. E oferecê-las.

A falta de sono e o excesso de sonhos deixaram-na com olheiras e sombria no dia seguinte. Depois da missa, tratou de se ocupar com alguma coisa. Desmontou e voltou a montar o motor do velho cortador de relva. Limpou as velas da sua carrinha, embora não fosse preciso.

Estava debaixo do velho carro da mãe, a mudar o óleo, quando avistou os sapatos do pai.

— A tua mãe disse que eu deveria vir cá fora para descobrir o que te atormenta, antes que resolves desmontar o motor desse ferro velho.

— Eu estava apenas a cuidar de algumas coisas que precisavam de reparos.

— Dá para perceber. — Mick agachou-se. Depois, com um suspiro agudo, meteu-se por baixo do carro, ao lado de Brenna. — Quer dizer que não tens nada na cabeça?

— Talvez tenha. — Ela trabalhou em silêncio por mais alguns momentos, sabendo que o pai a deixaria organizar os seus pensamentos. — Posso perguntar-te uma coisa?

— Sabes que podes.

— O que quer um homem?

Mick contraiu os lábios, satisfeito ao constatar como as mãos da filha eram rápidas e eficientes com uma chave de porcas.

— Uma boa mulher, um emprego firme, uma refeição quente, e uma caneca de cerveja ao final do dia satisfazem a maioria.

— É na primeira parte que estou interessada. O que quer um homem de uma mulher?

— Hum... — Aturdido, quase em pânico, ele fez menção de sair de baixo do carro. — Vou chamar a tua mãe.

— Tu és um homem, ela não. — Brenna segurou na perna do pai, antes que ele pudesse escapar. Mick era vigoroso, mas ela tinha a mão firme. — Quero ouvir de um homem o que ele procura numa mulher.

— Um... bom senso... — Mick falou num tom jovial demais. — É uma boa qualidade. E paciência. Verdade seja dita, um homem precisa da paciência de uma mulher. Já houve um tempo em que ele queria que a mulher criasse um lar confortável. Mas no mundo de hoje... tem de ser mais um arranjo de ajuda mútua. Uma companheira em tudo. — Ele agarrou-se à palavra como se fosse uma corda lançada da beira de um penhasco muito alto, em cuja encosta se equilibrava numa saliência estreita, destronando-se sob os seus pés. — Um homem quer uma companheira pelo resto da vida.

Brenna deu um impulso para sair debaixo do carro. Sentou-se ao lado. Continuou a segurar o pai pelo tornozelo, pois sentia que ele escaparia, se tivesse a oportunidade.

— Acho que ambos sabemos que não estou a falar sobre bom senso, paciência e companheirismo.

O rosto de Mick ficou rosa, depois branco.

— Não vou falar sobre sexo contigo, Mary Brenna. Podes tirar essa ideia da cabeça. Não tenho a menor intenção de falar sobre essas coisas com a minha filha.

— Porquê? Sei que já fizeste sexo, ou eu não estaria aqui, certo?

— Acho que já chega — murmurou Mick, comprimindo os lábios.

— Se eu fosse um homem, em vez de mulher, poderíamos conversar acerca disso?

— Tu não és um homem. Portanto, não vamos falar sobre isso. Ponto final.

Mick cruzou os braços.

Sentado como estava, fez Brenna pensar num duende irritado. Não pôde deixar de especular se Jude o usara como modelo para um dos seus desenhos.

— E como me posso orientar acerca disso, se não podemos conversar?

Como Mick não estava interessado pela lógica naquele momento, limitou-se a olhar para o espaço, de cara séria.

— Se queres falar sobre essas coisas, procura a tua mãe.

— Está bem, está bem... — Brenna decidiu tentar por outro ângulo. O próprio pai não lhe ensinara que havia sempre mais de uma maneira de encarar um trabalho? — Gostaria que me disseses uma coisa.

— Sobre outro assunto?

— Pode-se dizer que sim. — Ela sorriu para Mick, apertando a sua perna. — Se quisesses alguma coisa e já quisesses há muito tempo, o que farias?

— Se eu quisesse, porque não poderia ter?

— Porque ainda não fizeste qualquer esforço para conseguir o que queres.

— E porque não fiz? — Mick franziu as sobrancelhas avermelhadas. — Sou lerdo ou apenas estúpido?

Brenna pensou um pouco acerca disso. Concluiu que ele não poderia saber que insultara a sua primogénita. Balançou a cabeça, devagar.

— Talvez um pouco de ambas as coisas, neste caso.

Aliviado porque a conversa se deslocara para uma área segura, Mick exibiu um sorriso decidido.

— Então eu deixaria de ser lerdo e estúpido, focalizaria o que queria, e não perderia mais tempo. Porque quando um O'Toole se concentra em algo, quando mira direito, nunca erra o alvo.

Brenna sabia que era a pura verdade. O que certamente se podia esperar.

— Mas talvez te sintas um pouco nervoso, sem teres muita segurança sobre a tua habilidade nessa área.

— Se não correres atrás do que queres, nunca vais conseguir. Se não pedires, a resposta será sempre não. Se não deres um passo à frente, permanecerás sempre no mesmo lugar.

— Tens razão. — Brenna pôs as mãos nos ombros do pai, transferindo um pouco de graxa para a camisa dele, enquanto dava um sonoro beijo no seu rosto. — Tens sempre razão, pai. Era justamente isso o que eu precisava de ouvir.

— É para isso que os pais servem.

— Será que te importarias de terminar aqui? — Brenna sacudiu o polegar por baixo do carro. — Não gosto de deixar nada por acabar, mas tenho de resolver um problema.

— Não te preocupes.

Mick esgueirou-se para baixo do carro. Satisfeito por ter deixado a filha mais tranquila, ele assobiava enquanto trabalhava.